

1

Quarta-feira. 18:00. Consultório psiquiátrico de Davi. João sentado numa poltrona olhando para fora da janela. Davi, numa poltrona em frente a João, faz anotações numa prancheta com muita avidez. Uma mesinha entre eles, com uma toalha branca de renda, um vaso de porcelana com duas flores, um cinzeiro e uma caixa de lenços pela metade.

JOÃO - Eu me sinto um merda.

Davi para de anotar e levanta a cabeça na direção de João. Davi observa João por alguns segundos. Davi volta a fazer anotações na prancheta.

João baixa a cabeça olhando para o lenço que aparece pela metade na caixa de lenços. Davi para imediatamente de anotar e levanta a cabeça na direção de João.

JOÃO - Não se vê o Guaíba daqui.

Davi observa João por algum tempo.

DAVI - Pode pegar.

JOÃO (olhando para Davi) - O que?

DAVI - O lenço.

JOÃO - Não...eu tava só...

Davi projeta o corpo na espera de uma resposta. João estranha a posição de Davi.

Davi se recosta na poltrona, ajeitando-se. Davi pigarreia duas vezes.

DAVI - Esqueci da água.

JOÃO - Água?

DAVI - Eu sempre coloco uma jarra de...

Davi para de falar ao perceber a expressão de João de quem não está entendendo nada. Davi se apruma na poltrona.

DAVI - Não seria...uma merda?

Curta pausa.

JOÃO - Uma merda?

DAVI - É. Em vez de um merda, uma merda.

João parece não entender.

DAVI (*um pouco impaciente*) - Você disse que se sente um merda, não disse? Eu tenho certeza que disse. Disse sim.

JOÃO - Sim, eu disse.

DAVI - Viu.

João encara Davi. Davi se desconcerta e volta a escrever na prancheta.

DAVI (*em tom sério*) - Eu gostaria de retomar o seu último sonho. Ele me parece muito elucidativo. (*Olhando para João*) Elucidativo?

JOÃO - Tu tá me perguntando se eu sei o que é elucidativo ou querendo uma confirmação se o sonho foi elucidativo ou não?

Curta pausa.

DAVI - A questão do sonho...

JOÃO - Quer que eu repita o sonho, é isso?

DAVI (*suspirando*) - É.

João vai até a janela.

DAVI - Por que você foi até aí?

JOÃO (*virando-se para Davi*) - Porque eu queria conferir se a gente enxerga o Guaíba ou não.

DAVI - E então?

JOÃO (*olhando para fora da janela*) - Ali de onde eu tava não dava pra ver.

Curta pausa. Davi larga a prancheta na sua escrivaninha. Davi observa João.

JOÃO - Estou caminhando na borda de uma patente. Pessoas estão atrás de mim. Começo a correr. Estou de véu e grinalda.

DAVI - E o que é mais estranho pra ti, a patente ou o fato de tu estares de véu e grinalda?

JOÃO - A patente.

DAVI (*desapontado*) - A patente?

JOÃO - Corro, corro.

DAVI - Corre do que?

JOÃO - Não sei. Os outros sabem que isso é só uma patente, e param. Eu não sei, dou a volta inteira e dou de cara com eles. Merda.

DAVI - É como tu te sente.

JOÃO - Isso mesmo. Um merda.

DAVI - E quem são essas pessoas?

JOÃO - Não sei. Se eu soubesse eu teria dito o nome delas.

DAVI - São homens ou mulheres?

JOÃO (*voltando para a poltrona*) - Homens e mulheres.

DAVI - Hu-hum. Mais homens ou mais mulheres?

JOÃO - Eu não sei, não contei.

DAVI - Alguma...antiga namorada sua?

JOÃO (*ri*) - Não. (*Tenta se lembrar*) Acho que não.

DAVI - Qual é a graça.

JOÃO - Faz tempo que eu não tenho uma namorada fixa.

DAVI - Como assim, fixa?

JOÃO - Fixa. Firme.

DAVI - Um relacionamento que envolva responsabilidade, com rotina, mas também com surpresinhas do tipo deixar a casa arrumadinha pra ela?

JOÃO (*constrangido*) - Hum...deixar a casa arrumadinha eu nunca fiz...eu sou meio preguiçoso sabe...

DAVI (*um pouco irritado*) - Eu entendi, quem arruma a casa é a mulher e não o homem, pensamento mais machista esse.

JOÃO - Me desculpa, eu só...

DAVI - Tudo bem, eu me expressei mal.

Curta pausa.

DAVI (*um pouco magoado. Num tom ríspido.*) - A sua vida sexual é satisfatória?

JOÃO - O que?

DAVI - Te incomoda essa pergunta?

JOÃO - Não, só que eu acho que...

DAVI - Você já teve alguma experiência homossexual?

JOÃO - O quê?

DAVI - Sexo com outro homem.

JOÃO - Davi, espera só um pouquinho. Eu entendo que o médico é tu e que tu teja querendo me ajudar, mas eu não tô preocupado com a minha vida sexual. Se tu quer saber, ela é legal, sim. Quando eu tô a fim de transar com alguém eu saio na noite e conheço uma guria que teja a fim...

DAVI - Prostitutas?

JOÃO - Não, Davi, eu vou num bar, num lugar pra dançar e conheço uma guria e a gente vai pra minha casa ou prum motel.

DAVI - Fácil assim?

JOÃO - E qual é o problema? Se os dois tão a fim de transar e só isso?

DAVI - Mas e o afeto? Vocês por acaso são animais?

JOÃO - Tu devia saber responder isso mais do que ninguém.

DAVI - E o véu e a grinalda, onde é que eles entram?

JOÃO - Se eu penso em casamento?

DAVI (*descontrolado*) - Não, João, não. Vocês homens são todos iguais, sempre pensando em vocês mesmos, tratando as mulheres como se fossem objetos de consumo descartáveis, usa uma noite e põe fora. Enche elas de porra e depois bye-bye. Tudo uma corja, uma cambada de gurizinhos fascinados com o que têm no meio das pernas. Eu tô de saco cheio disso.

JOÃO - Nós homens...ah, desculpa Davi, eu não sabia.

DAVI - Eu vou te indicar prum outro colega, o nosso trabalho não tá rendendo e...

JOÃO - Discordo. Só hoje nessa sessão eu já tive uns insights muito legais.

DAVI - Claro, com a bicha aqui fazendo a ceninha dela.

JOÃO - Tu não precisa ficar te rebaixando desse jeito. Tu ainda é o meu psiquiatra e eu tô me lixando pra tua opção sexual.

DAVI (*arrepentido*) - Mesmo?

JOÃO - Mesmo.

DAVI (*abraçando João*) - Desculpa, cara. Tu me pegou bem na hora que o copo tá transbordando.

JOÃO (*segurando os dois braços de Davi a sua frente*) - Mas antes de continuar eu quero te dizer que o meu problema é muito maior do que tu pensa. É a minha vida. Até pode ser que a gente chegue à conclusão que se eu me ligar numa pessoa, dessas de (*rindo*) deixar a casa arrumadinha, as coisas podem melhorar, quem sabe. Mas agora eu quero, contigo, descobrir o que eu posso fazer por mim, sem depender dos outros. Essa é a senha do meu sonho em volta da patente.

DAVI - E será que eu vou poder te ajudar?

JOÃO - Talvez tu tenha que rever algumas verdades intocáveis pra ti, explorar o desconhecido, se aventurar, sei lá.

DAVI - Acho que sim.

JOÃO - E seria legal tu te tratar também.

DAVI - Eu sei. Eu tenho medo. Medo das pessoas saberem quem eu sou. Porque eu já sei. Há muito tempo.

JOÃO - Tu deve tá bem enrolado, né?

DAVI - Eu não agüento mais ficar sozinho, João. Eu quero que alguém me ligue pra saber onde é que eu tô, eu quero receber flores no meu aniversário, eu quero poder me

abraçar num corpo quente, de noite, todas as noites, na minha cama, na nossa cama, minha e dele. E nada disso eu tenho.

JOÃO - É brabo dizer isso, mas calma. Vai chegar. (*cantando*) Sei que antes da minha morte, eu sei que esse dia chegará. É a coisa mais otimista que eu tenho pra te dizer. (*Olhando para a janela.*) Olha só a cor do céu. No outono os crepúsculos são sempre mais bonitos.

O telefone toca.

DAVI - Sim. (*Olha pro relógio*) Ih, essa foi feia. Nem percebi. Assim que esse paciente sair, manda ela entrar.

Davi desliga o telefone.

DAVI - Tô vinte minutos atrasado pra próxima sessão. Mas acho que relaxei.

JOÃO - Que bom. Pago agora?

DAVI - Eu é que devia te pagar. Fala com a secretária.

JOÃO - Vê se aproveita o pôr-do-sol, enquanto o paciente não entra.

DAVI - Qualquer coisa me liga, tu tem o meu celular.

JOÃO - Que que adianta, vocês nunca atendem mesmo.

João sai. Davi pega um lenço da caixa e assopra o nariz. Davi vai até a janela. A luz do crepúsculo ilumina o rosto de Davi.

2

Quarta-feira. 20:30.

Apartamento de Bianca. Noite. Bianca está enrodilhada no sofá envolta numa manta. Uma taça de vinho. A televisão ligada. Som de chave na porta. Uma porta é aberta e depois fechada. Emerson passa por trás dela cruzando a sala. Bianca olha televisão. Emerson volta com uma sacola nos braços. Emerson para e olha para Bianca.

EMERSON - Se te interessar possa, eu tinha esquecido dessa sacola. Com camisas.
Silêncio. Bianca bebe um gole de vinho.

EMERSON - Acho melhor tu não exagerar. Tu é muito fraca pra bebida.

BIANCA - Tu não tem mais nada a ver com isso.

Emerson suspira e sacode a cabeça. Emerson vai até a porta.

BIANCA - Vai levar a chave?

EMERSON - E se eu tiver me esquecido de outra coisa importante e tu não quiser me abrir?

BIANCA - Todo aquele que vai embora entrega a chave de volta. Como normalmente é o cara que pula fora, é ele que devolve a chave do apartamento, da casa, seja lá o que for.

EMERSON (*se aproximando do sofá*) - Bianca. Eu só tô indo embora porque...

BIANCA - Não precisa repetir a mesma conversinha de sempre. Acabou, acabou. Logo tu vai estar saracoteando com uma daquelas enfermeiras do Clínicas. As da ala privativa que são as mais assanhadas. Eu me lembro muito bem quando teve aquela festa de fim-de-ano. Bem feito pra ti que foi transferido pra Emergência.

EMERSON - Quem sabe a gente se trata feito duas pessoas civilizadas?

BIANCA - E somos?

EMERSON - Ah, Bianca, dá um tempo. Eu não vou ficar na minha noite de folga aqui discutindo contigo.

BIANCA - Isso, vai, vai cair na gandaia, vai.

Curto silêncio.

EMERSON (*largando a sacola no sofá ao lado de Bianca*) - Por que vocês todas se comportam dessa maneira quando a gente se separa?

BIANCA - Vocês todas uma pinóia, não fica me comparando com essas tuas amiguinhas aí da rua, essas pistoleiras do hospital que ficam se esfregando em vocês na hora do lanche que eu sei, sei muito bem...

EMERSON - Até parece...

BIANCA (*levantando-se e indo em direção a Emerson*) - Parece o que, diz, diz !

EMERSON - Tu tá muito alterada. É o vinho.

Emerson recolhe a garrafa.

BIANCA - Me dá aqui, tu não é mais nada meu, não pode me proibir.

Bianca tenta tirar a garrafa de Emerson sem sucesso.

EMERSON - Quem sabe tu vai te deitar e amanhã a gente conversa.

BIANCA - Não, não tem mais o que conversar. A gente já disse tudo o que tinha pra dizer um pro outro. Agora eu vou é ter que contar pras gurias lá do salão e pras clientes : “sabe, havia pensado em casamento. Mas a outra pessoa não quis. Não dá nada. Vou inventar outra.”

EMERSON - Que drama.

BIANCA - Todas me olhando de soslaio, pensando, coitadinha, tá sozinha de novo.

EMERSON - E precisa contar, não dá pra ficar quieta?

BIANCA - Claro que não, vou parecer mais fracassada ainda quando elas descobrirem.

EMERSON - Bianca, isso não é um jogo, é uma relação entre um homem e uma mulher!

BIANCA - Uma relação, que palavra bonita.

Ouve-se um trecho da ópera Lohengrin. Bianca e Emerson olham para o teto.

BIANCA - Eu ainda vou descobrir quem é esse puto que fica ouvindo ópera sempre que a gente tá brigando, parece que ele sabe, deve controlar a vida de cada morador desse prédio.

Bianca vai até a janela e olha para cima.

EMERSON - Eu vou indo.

BIANCA (*mais calma*) - Vai. Pelo menos eu não vou precisar mais deixar a casa arrumadinha pra ti. Tu reclamava tanto do pó.

Curta pausa. Bianca debruça-se na janela.

BIANCA - Que cheiro horrível. Deve ser a borregard. Ainda existe a borregard? (*suspira*) Sabe o que me deixa mais chateada de tudo? Que a gente nunca fez uma loucura juntos.

Ouve-se um trecho suave da ópera Lohengrin.

BIANCA - Ó, eu disse, o cara deve tá me ouvindo aqui na janela e resolveu colocar um fundo musical pras divagações de uma mulher abandonada.

Emerson sai.

BIANCA - Sabe o que seria uma loucura, Emerson? Tomar banho no Guaíba, por exemplo. Se a gente tivesse junto, eu tomava (*ri*) o que é que eu não faria contigo, hein, me diz. Sua boba. As gurias lá do salão dizem que eu sou uma boba de continuar

contigo. A única que é solteira lá sou eu. Tem a Jacira, mas a Jacira...é a Jacira. Pobrezinha, nunca vai desencalhar. Jamais. Até teve um segurança do shopping que se interessou por ela, depois as gurias descobriram que o cara era casado e tinha cinco filhos! O que é que leva uma mulher hoje em dia a ter cinco filhos? A Mariele tem dois. E vive reclamando do marido, não ajuda nada com as crianças. A Marluce já pegou o dela com outra, mas perdoou ele. Eu não ia te perdoar. Ou será que ia? Pra saber só casando. Hum. (*suspira*) Até que é bonita essa música daí. O tio até que tem bom gosto. Será que é um tio? Deve ser. Vou perguntar pro zelador amanhã. Que horas mesmo tu disse que ia vir amanhã? (*virando-se*). Emerson? Puto. Foi embora. E escondeu a garrafa. Grande coisa, tem mais.

Bianca senta-se no sofá e olha para a televisão.

BIANCA - Só porcaria.

Bianca desliga a televisão.

BIANCA - Ele não chegou a me dizer o que eu parecia.

Bianca pega o telefone e começa a discar. Para de discar.

BIANCA - Faz cinco minutos que o cara saiu e eu já to atrás dele por causa de uma coisa tão idiota? Ele que me chame do que ele quiser, não to nem aí. Nem aí!

Ouve-se uma parte dramática da ópera Lohengrin. Bianca se esconde embaixo da manta e chora.

3

Quinta-feira. 16:00.

Praça de alimentação de um shopping-center. Apenas uma mesa livre. João se aproxima da mesa vazia, olha para os lados procurando por alguém, senta-se. João está de terno e gravata, carrega uma pasta e uma bandeja com uma pequena xícara de café, um pequeno copo d'água e envelopes de açúcar. João larga a bandeja e a pasta na mesa. João tira um documento da pasta e coloca em cima da mesa. João lê o documento tomando o café. João termina de ler o documento. João olha em torno de si, consulta seu relógio de pulso. João começa a guardar o documento de volta na pasta, e durante a ação para, com o pensamento distante, olhando para o chão.

Guilherme chega por trás batendo no ombro de João. João dá um pulo na cadeira.

GUILHERME - Cinco milhões de desculpas. Moro aqui do lado e fui me atrasar. É que a droga da hidra estragou e eu fiquei esperando o encanador. Aí tive que buscar uma nova na ferragem. Me desculpa mesmo, João.

JOÃO - Não, tudo bem. É que essa época tem muito trabalho, e a minha chefe...tu deve saber melhor do que eu.

GUILHERME - Como é que tá a figura?

JOÃO - Daquele jeito dela. A dona Glória.

GUILHERME - Tu não sabe o alívio que tá sendo pra mim. *(Bate a palma na testa)* Cara, eu não sei como é que eu fui gostar duma mulher assim. Mas acontece, não é? Com as melhores famílias. É o que dizem por aí.

JOÃO - E algum roteiro novo?

GUILHERME - Eu tô começando a escrever uma história nova, na verdade é uma adaptação de um texto curto, muito curto.

JOÃO - E o que é que deu aquele concurso da prefeitura?

GUILHERME - Ah, tu sabe que pra quem não tem nome é difícil, né. Mas eu vou continuar tentando, não vou desistir. Ontem fiquei sabendo que o “filme nacional”, aquele curta que eu escrevi, não foi selecionado prum festival aí do centro do país.

João fica sem jeito.

GUILHERME - Que é isso cara, bem normal. Já tô acostumado.

JOÃO - Essa tua capacidade de se levantar é impressionante.

GUILHERME - Instinto de sobrevivência do artista. E tu?

JOÃO - O que é que tem?

GUILHERME - Tudo bem?

JOÃO - É, tudo bem.

GUILHERME - Que expressão mais idiota essa, “tudo bem”, como é que tudo pode estar bem com uma pessoa, né?

JOÃO - Eu...comecei a fazer terapia.

GUILHERME - Sério!

JOÃO - Por que o espanto?

GUILHERME - Um cara tão fechadão, tão na tua. Terapia pra ti deve ser coisa de viado.

JOÃO - Que besteira, cara. Que idéia que tu faz de mim.

GUILHERME - Todo mundo.

JOÃO - Ah, é?

GUILHERME - Fechadão, convencido, auto-suficiente, esnobe.

JOÃO - Tô pasmo.

GUILHERME - Manda aí, o que é que eu preciso assinar, assino qualquer coisa pra ganhar a minha liberdade de volta.

Bianca, de óculos escuros, se aproxima da mesa de João e Guilherme. Eles não a percebem.

JOÃO - Mina nova no pedaço?

GUILHERME - Que nada, eu tô com um cara agora.

BIANCA - Vocês se importam se eu me sentar com vocês?

JOÃO (*surpreso, para Guilherme*) - Um cara?

BIANCA (*para João*) - O que foi?

GUILHERME (*para João*) - Gente finíssima. (*Para Bianca*) Fica à vontade.

JOÃO - Artista?

GUILHERME (*bate três vezes na mesa*) - Bem longe disso.

BIANCA - Eu não to atrapalhando nada, to

GUILHERME - Claro que não, querida. Cadê o papel, João?

João olha estupefato para Bianca. Bianca se incomoda com o olhar de João.

BIANCA - Te incomoda os meus óculos?

João sacode a cabeça negativamente.

GUILHERME - Faz pouco que eu conheci ele. Mas não comenta nada com a Glória.

João sacode a cabeça negativamente. João procura o documento na pasta.

BIANCA - Tão bom quando a gente conhece alguém legal.

JOÃO - Tá aqui. É só assinar em cima do teu nome, aqui, e aqui e rubricar as folhas.

Nem vai precisar de audiência. Separação litigiosa demora muito.

BIANCA (*rindo*) - Eu sei que eu to me metendo, mas tu não disse que tinha conhecido uma pessoa legal e já tá se separando?

GUILHERME (*rindo*) - Não. Eu to me separando é da minha mulher.

(*para João*) Ex-mulher.

BIANCA (*apontando para João*) - Agora ela é mulher dele?

JOÃO - Não, não!

BIANCA - Tu é gay, é isso?

JOÃO - Não! mas eu tô começando a achar que o mundo é gay e se esqueceram de me avisar

GUILHERME (*para de rubricar o documento*) - Vocês não vão acreditar. Ouvindo vocês eu tive uma idéia bárbara pro final do meu roteiro.

JOÃO - O novo?

GUILHERME - Hu-hum.

BIANCA (*para João*) - O que é que ele faz?

JOÃO - Roteirista de cinema.

BIANCA - Cinema nacional é tão ruim, é uma pena.

GUILHERME - Ah, não diz isso, uma mulher tão bonita.

João olha para Bianca para ver se o que Guilherme diz é verdade. Bianca devolve o olhar para João. Bianca tira os óculos escuros.

BIANCA - Tá bom assim.

JOÃO (*constrangido*) - Eu...não era a minha intenção...

GUILHERME (*entregando os documentos assinados para João*) - Deixa eu contar. (*olhando para longe, imaginando a cena*) A última cena se passa em um shopping

center. Em uma mesa de uma das praças de alimentação. De tão cheio, três pessoas desconhecidas sentam na mesa: uma mulher, um homem, e outro, que é o existencialista da jogada.

JOÃO - Eu devo ser o homem.

GUILHERME - Claro. A bicha aqui sou eu.

BIANCA - Então definitivamente tu não é viado.

João encara Bianca com impaciência.

BIANCA (*para Guilherme*) - Ninguém diria que tu é viado.

GUILHERME - Mas eu não sou.

BIANCA (*para João*) - Ele não disse que tava...

JOÃO - Mas nós não somos três pessoas desconhecidas.

GUILHERME - Isso é uma adaptação, meu amigo. Eu tenho toda a liberdade de mudar o que eu bem entender.

JOÃO - Muito bem. Me sinto gratificado por poder ter servido de inspiração artística pra alguém.

GUILHERME - Só vai ficar faltando um título, eu sempre esbarro no título, levei meses pra me decidir por "filme nacional".

BIANCA (*para Guilherme*) - E eu sou a mulher?

Guilherme acena positivamente com a cabeça.

BIANCA - E eu vou namorar ele?

GUILHERME (*levantando-se*) - Isso é tu que vai decidir, querida. Eu não posso decidir por ti.

JOÃO - Já vai?

GUILHERME - Deixei o encanador sozinho. Tenho que pagar ele. Me avisa quando precisar de mais alguma coisa. Assim que sair o resultado eu te convido pra beber umas.

BIANCA - E eu também?

GUILHERME - Claro.

Guilherme vai saindo.

BIANCA - Olha, eu trabalho no salão de beleza no térreo. Lá embaixo.

Guilherme abana de longe. Guilherme sai.

BIANCA (*emburrada*) - Lá embaixo. No fundo. Buraco. Poço.

JOÃO - Tu pode colocar os óculos, viu, tu me interpretou mal.

BIANCA - Agora tu já viu mesmo que eu passei a noite inteira me debulhando. Não precisa mais.

JOÃO - Mas tu tava se escondendo de mim por acaso?

BIANCA - Do mundo.

JOÃO - Quer um café?

BIANCA (*falsamente provocante*) - Como tu é rápido.

JOÃO (*ri*) - Não, foi tu que me interpretou mal de novo.

BIANCA - O problema da humanidade é exatamente esse. Ninguém se entende.

JOÃO - Talvez seja mesmo. Retiro a oferta.

BIANCA - Um cappuccino. Adoçante. Eu fico aqui guardando a mesa. Não demora que eu tenho que descer daqui a ... (*consultando o relógio de uma lanchonete da praça de alimentação*) sete minutos.

JOÃO - Sete?

BIANCA - O pique do salão é fogo, tem uma permanente pras quatro e quinze, a dona Erica tem um casamento, a dona Erica é uma velhinha alemoa com o cabelo azul e é um parto agradecer na cor da tintura, e as seis tem...

JOÃO - Meu nome é João. Muito prazer.

BIANCA - Eu sei, teu amigo já disse.

JOÃO - Observadora, hein.

BIANCA - As mulheres via de regra são. Seis minutos.

João sai e volta com uma bandeja semelhante a sua no início da cena. João coloca a bandeja na mesa.

BIANCA (*alcançando o copo d'água para João*) - Pode tomar.

Bianca toma um gole do café.

JOÃO - É incrível como as pessoas acabam se conhecendo.

BIANCA - E a gente só tem mais cinco minutos pra terminar de se conhecer.

João olha para Bianca e toma toda a água do copo.

BIANCA - Eu sou a Bianca, acabei de me separar do meu namorado, porque ele não quer se casar comigo, e eu acho que chegou a hora de repartir minha casa e minha vida com alguém.

JOÃO - Vocês não moravam juntos?

BIANCA - Sim.

JOÃO - Então já tavam casados.

BIANCA - Não, casar é casar. Vocês tão sempre achando uma desculpa pra chamar o azul de verde. Sempre saindo pela tangente.

JOÃO - O meu terapeuta acha que eu tenho que arranjar uma esposa.

BIANCA (*leva um pequeno susto*) - Ah, é?

JOÃO - É. Ele acha. Ele.

Bianca examina João com o olhar por um tempo.

BIANCA (*colocando os óculos escuros*) - Pena que tu não faz o meu tipo, senão eu me candidatava.

Bianca se levanta.

JOÃO - O que é que tu vai fazer no domingo? De tarde.

BIANCA - Domingo? Mas hoje é quinta. Tem a noite de hoje, a de sexta e a de sábado antes do domingo. (*decepcionada*) De tarde.

JOÃO - Eu preciso dizer pro meu terapeuta que eu saí com uma moça num dia de tarde pra ganhar a confiança dele.

BIANCA - Mente pra ele. A gente sai no sábado e tu diz que foi no domingo.

JOÃO - Eu não gosto de mentir.

Bianca se surpreende com a resposta.

JOÃO - Eu vou te levar pra tomar banho na praia do Lami. Tu já entrou alguma vez no Guaíba?

Bianca emudece.

BIANCA - Terminou o meu tempo. Tenho que ir. Tchau.

Bianca sai apressada.

JOÃO - Espera!

João percebe os olhares das mesas próximas e encabula. João guarda o documento na pasta olhando para o chão.

4

Sexta-feira. 07:30.

Quarto de dormir do apartamento de Guilherme. Guilherme está sentado na cama, contra o espaldar, cobertor cobrindo da cintura pra baixo. Glória de pé.

GLÓRIA - E só mais uma coisa. Eu quero que tu saiba que eu sou uma boa alma.

GUILHERME - Jura?

GLÓRIA - Deixa de ser debochado. (*Olha para o chão*) Meu Deus, meu salto enroscou numa meia. Uma meia ao avesso!

GUILHERME - Vejam! (*Vai até a meia. Pega a meia do chão e ergue-a, olhando para a meia*) Achei uma meia no chão do meu quarto!

GLÓRIA - Deplorável. Eu venho aqui pra te dizer que eu quero uma separação amigável e tu me trata assim. Qualquer um entenderia a razão de eu querer me separar de ti. Tu ainda te lembra por que é que a gente se apaixonou?

GUILHERME - A gente se apaixonou?

GLÓRIA - Eu nunca faria isso, mas tem pessoas que conseguem perder meias!

GUILHERME - Querida, são sete e... (*vai até o despertador e confere a hora*) meia da manhã, tu vai te atrasar e eu não tô a fim de discutir qualquer assunto que seja.

GLÓRIA - Se fosse uma meia-calça eu diria que uma fulana esteve aqui.

(Guilherme enrubesce e se dirige lentamente para a frente do armário)

GLÓRIA - O que foi?

GUILHERME - O João já me deu a papelada pra eu assinar ontem, a gente não tem mais nada o que conversar e eu passei a noite toda...

GLÓRIA - Por que ficou nervoso de uma hora pra outra? É porque a minha presença te inibe, ou então é porque tal pessoa ainda está aqui...?

GUILHERME - Olha, Glória, eu passei a noite toda...

GLÓRIA - Fudendo? Isso não me diz respeito.

GUILHERME - Tu costumava escolher o teu vocabulário com mais elegância.

GLÓRIA - Agora eu sou uma mulher livre, escolho vocabulário e parceiro do jeito que eu bem entender.

GUILHERME - Então tá perdendo o teu tempo aqui.

GLÓRIA - Diferente de ti que não perde tempo, não é? É loira? Negra? Novinha? Daquelas de luxo?

GUILHERME - Tchau, Glória.

GLÓRIA (*um pouco ofendida e derrotada*) - É. Eu também preciso trabalhar. Quer dizer, *eu* preciso trabalhar.

GUILHERME - Eu trabalhei a noite toda num roteiro novo. Nem precisava te contar isso. Mas tô te contando.

GLÓRIA - A cama tá desarrumada. Muito desarrumada. Tá com cara de sexo. Como as pessoas mudam, não é? No nosso tempo isso era uma atividade rara. Se-xo.

GUILHERME - Olha, seja bem feliz.

(*Glória se ofende e sai rapidamente. Ouve-se o barulho da porta batendo*)

GUILHERME (*cai sentado na borda da cama*) - Mas isso não é nada em se tratando da minha mulher.

DAVI (*sussurrando de dentro do armário*) - Dá pra sair?

GUILHERME - Que coisa mais absurda!

(Davi sai cautelosamente do armário olhando para os lados)

GUILHERME *(para Davi)* - Pra que te esconder dela?

DAVI - Que criatura abominável!

GUILHERME - Alguma hora ela vai ter que ficar sabendo.

DAVI *(abraçando Guilherme pelo pescoço por trás)* - Então quer dizer que com ela tu não dava no couro, é isso?

GUILHERME - Quando foi mesmo que eu conheci ela?

DAVI - Pelo menos conheci a minha rival. Mas ela é do tipo que deve estar pensando: “vou dar uma volta e ver se a meia desaparece”.

GUILHERME - Não. Ela sempre chega no trabalho dela às sete e quarenta e cinco. Todo santo dia. E se ela vier eu não abro a porta e pronto.

DAVI - Meu herói!

Davi imita o caminhar de Glória e pega a meia do chão.

DAVI *(imitando a voz de Glória)* - É uma meia masculina, no chão. *(olha para Guilherme)* Tu tá transando com homem, é isso?

GUILHERME - É, vai ser bem assim que ela vai me perguntar.

DAVI *(batendo com a meia em Guilherme)* - Nojento, pilantra.

(Guilherme e Davi rolam pela cama abraçados)

DAVI - Eu tô muito feliz, sabia?

GUILHERME - E eu tô muito inspirado, preciso aproveitar isso.

DAVI - Nunca servi de muso pra ninguém, ai que emoção.

GUILHERME - Tu não tem paciente hoje de manhã?

DAVI - Às Nove. Tem tempo. Vem cá, vem.

GUILHERME - Não, eu tenho que escrever agora. Escrever, escrever e escrever.

DAVI - É, tô indo com sede demais ao pote. Quem nunca comeu mel se lambuza.

GUILHERME - E eu ainda tô sem título.

DAVI - Vamos sair de novo hoje de noite?

GUILHERME - Hoje eu queria ficar em casa escrevendo.

DAVI - Tá bom, eu venho pra cá então.

GUILHERME - Onde é que tá a minha caneta, eu tinha deixado aqui na cabeceira ontem.

DAVI - Depois da academia eu tomo um banho, boto um perfume e mais uma linda noite de amor. Mas nem um restaurantezinho?

GUILHERME - Ah, Davi, eu já tô sem jeito. É sempre tu que paga.

DAVI - Grande coisa.

GUILHERME - Não, eu prefiro ficar em casa. Procurando um título.

DAVI - Mas esse título é tão importante assim?

GUILHERME - Claro, ele resume a história.

DAVI - Sobre o que é a história afinal?

GUILHERME - É...um homem e uma mulher...eles se conhecem...num shopping.

DAVI - Só isso?

GUILHERME - É que eu não sei ainda muito bem o que acontece.

DAVI - Ele é gay, não é?

GUILHERME - Não, claro que não.

DAVI - Por que claro?

GUILHERME - Como claro?

DAVI - Tu disse claro que não.

GUILHERME - Ah, jeito de dizer.

DAVI - Isso no fundo é uma negação da tua própria condição homossexual.

Guilherme olha estupefato para Davi.

GUILHERME - Menos.

DAVI - A mim tu não me engana.

GUILHERME - Por que vocês acham que todo mundo é gay?

DAVI - Porque são.

GUILHERME - Isso é faccioso, é uma máfia, um patrulhamento sexideológico. Me alcança essa meia que eu vou botar de novo.

DAVI - Essa suja? Que a vaca inglória pisou em cima?

GUILHERME - E qual é o problema?

DAVI - Não, eu vou lavar pra ti. Deixa eu lavar a tua roupa.

GUILHERME - O que?

DAVI - Tu não lava a tua roupa?

GUILHERME (*debochado*) - Vez que outra...

DAVI - Eu vi que tu não tem máquina. Vou te comprar uma. Quero um marido bem limpinho. Vai ser uma pequena, provisória, porque quando tu for morar comigo...

GUILHERME - Provisória?

DAVI - É. Tu não sabe o que significa provisória?

GUILHERME (*lentamente*) - pro-vi-só-ria.

DAVI - Ou tu quer uma grande. Não te preocupa, I can pay. Se eu me esborrachei trabalhando esses anos todos foi por alguma causa nobre.

GUILHERME (*dá um beijo estalado na boca de Davi*) - Meu muso.

Davi fica perplexo.

GUILHERME - Vou fazer um café pra nós.

DAVI - Tudo isso por causa de uma máquina de lavar roupa nova? (*gritando*) Eu quero café passado, usa a cafeteira italiana que eu te comprei! (*suspira*) Será que eu botei a carroça na frente dos bois? Bom, quem não se arrisca não petisca. Eu imagino assim uma casa na Vila Conceição, com vista pro Guaíba, pra gente poder ficar olhando o por-do-sol, bebendo um dry martini, bem abraçadinhos...aí eu paro de trabalhar nas sextas-feiras, e ele vai ter bastante tempo e um lugar bem inspirador pra escrever as histórias dele.

VOZ DE GUILHERME - Açúcar ou adoçante?

DAVI (*gritando*) - Tu ainda não sabe que eu só tomo adoçante?

VOZ DE GUILHERME - Tá bom!

DAVI - Quem diria, hein Davi? Tá aqui teu príncipe encantado. (*olha pro despertador*) Ih, não posso me atrasar. Ainda bem que essa situação é provisória. (*saindo do quarto*) Tem bolachinha integral?

5

Sexta-feira. 09:00.

Consultório psiquiátrico de Davi. Davi tem o cabelo um pouco desalinhado. Durante a sessão tenta encontrar uma posição confortável na sua poltrona. João observa a inquietude de Davi.

JOÃO - Eu tive aquele sonho de novo.

DAVI - O da patente?

JOÃO (*sorrindo*) - Hu-hum.

DAVI - O que foi?

JOÃO - Eu conheci uma pessoa.

Davi sorri para João com malícia.

JOÃO (*esclarecedor*) - Uma mulher.

DAVI - Eu não tô rindo disso. (*olha para os lados, sussurrando*) E eu, um homem.

JOÃO - No duro?

DAVI - Duríssimo.

JOÃO - Fico feliz por ti. Acho que agora tu para um pouco com essa paranóia homossexual pra cima dos teus pacientes. Tinha um reclamando esses dias pra tua secretária ali na entrada.

DAVI (*assustado*) - Mesmo?

JOÃO - Tô tirando sarro da tua cara.

DAVI - Tu é o paciente mais abusado que eu tenho, sabia?

JOÃO - Quando a gente tá no fundo do poço, a gente não tem mais nada a perder.

DAVI - Mas tu disse que conheceu uma moça.

JOÃO - Conheci. Foi muito engraçado.

DAVI - E o sonho?

JOÃO - O que é que tem?

DAVI - Aconteceu depois?

JOÃO - Na mesma noite.

DAVI - Ótimo.

JOÃO - Era a mesma coisa de sempre. Eu de véu e grinalda em cima da patente. As pessoas olham para mim e querem que eu tire e jogue tudo por água abaixo.

DAVI - Tirar a roupa?

JOÃO - Hu-hum

DAVI - Muito bom. Animador.

JOÃO - Eu me sinto um pouco mais animado mesmo. Mas só um pouco.

DAVI - E vocês combinaram de se ver novamente?

JOÃO - Não, foi uma coisa casual. Eu só sei o nome dela, onde ela trabalha e que ela acabou de brigar com o namorado dela.

DAVI - Perfeito. O campo tá livre.

JOÃO - Não sei.

DAVI - Qual é a dúvida? Tu não te sentiu estimulado por esse encontro?

JOÃO - Eu fiquei intrigado com o sonho, quando as pessoas pedem pra eu tirar o véu e a grinalda.

DAVI - Isso é simbólico. É uma mudança.

JOÃO - Pra mim é difícil aceitar que alguém vá conseguir me motivar pra vida.

DAVI - Pra que ser tão auto-suficiente? Dá um crédito pros outros. Ou melhor, pras outras.

JOÃO - Eu tenho vontade de ir procurar ela.

DAVI - Tá esperando o que?

JOÃO - Parece um sentimento tão...adolescente...

DAVI - Ou quem sabe um sentimento vivo, mágico, pra que rotular desse jeito? Pra que se boicotar?

JOÃO - É. Acho que eu deveria tentar mesmo.

DAVI - Olha, só pra tu ter uma idéia, a minha mãe quer que eu case com uma judia. Uma mulher e que seja judia. E eu tô com um cara que não é judeu. Vai ser um choque duplo pra velha.

JOÃO - O que isso tem a ver comigo?

DAVI - Tu precisa ir contra os teus próprios princípios, eu, contra os da minha mãe.

JOÃO - Acho que a minha situação é mais complicadinha do que a tua. Eu falei nessa mulher que eu conheci, mas tem todo o resto. Meu trabalho que é uma merda, a minha completa falta de ambição pra vida, eu não sei pra onde ir, o que fazer. É isso.

DAVI - Só isso?

JOÃO - Uma trilha, um destino onde chegar, todo mundo tem isso. Tu, por exemplo, quer arranjar um cara e ficar com ele e ser feliz. Eu não sei o que eu quero.

Curto silêncio.

JOÃO - Às vezes me dá uma agonia e eu tenho vontade de chorar e não consigo.

Curto silêncio.

JOÃO - Tenho vontade de morrer. Desaparecer.

DAVI - Eu também tinha. Muita solidão.

JOÃO - A solidão não me incomoda. Muito antes pelo contrário.

Davi se levanta de sopetão, vai até um caixa, abre-a e tira de dentro duas máscaras.

Olha para as máscaras, escolhe uma para si e dá a outra para João.

DAVI - É uma técnica nova, não precisa ficar com essa cara apavorada. Bota.

João examina a máscara por dentro e por fora.

DAVI - Com as máscaras no rosto, eu vou te dizer algumas palavras, uma de cada vez, e tu então me diz a primeira palavra que vier na tua cabeça.

João coloca a máscara e fica olhando para Davi. João cai na gargalhada.

DAVI - Isto é uma coisa séria.

JOÃO - Tá, desculpa.

DAVI - Pronto?

JOÃO - Tô.

DAVI - Merda.

JOÃO - Eu.

DAVI - Pessoas.

JOÃO - Chatice.

DAVI - Todo paciente tem uma resistência natural às novas técnicas.

João gargalha.

JOÃO - Tu vai ter que me desculpar, mas essa máscara do Batman é hors-concours. Vai ser difícil eu me concentrar. (*pigarreia*). Tudo bem. Ah, chatice foi a minha última resposta, não foi uma crítica a esse jogo, hum, técnica.

DAVI - Grinalda.

JOÃO - Teia, enroscar. Teia de aranha.

DAVI - Hu-hum.

JOÃO - Uma festa muito formal onde todos bebem dry-martini.

DAVI - Hu-hum não é palavra.

JOÃO - Ah, eu achei que era qualquer som.

DAVI - E qual é o problema com o dry-martini.

JOÃO - Meio lugar comum, tu não acha?

DAVI - Nem um pouco.

Curto silêncio.

JOÃO - Terminou?

Davi encara João com a máscara.

JOÃO (*olhando para a janela*) - Cheguei a uma conclusão. (*Olhando para Davi*) A solidão não me faz bem. Quando eu venho aqui eu me divirto, quando eu saio na noite e conheço alguém, eu me divirto, até essa louca de óculos escuros que eu conheci no shopping me fez rir. O problema é chegar em casa e escutar o silêncio. Eu acho que eu menti pra ti. E pra mim. (*Vai até a janela*) A cor dele é mais bonita de tarde. Por causa do sol. Eu convidei ela pra ir ver o Guaíba comigo. Ela ficou com medo. Eu assustei ela. Isto pode ser um bom sinal. É, eu vou voltar naquele shopping e vou procurar ela. Acho que eu vou fazer isso. (*Olha para Davi*) Dá pra tirar a máscara?

6

Sexta-feira. 11:30.

Quarto de dormir do apartamento de Guilherme. A cama está desarrumada. Guilherme está com as pernas flexionadas, mãos nos joelhos tentando enxergar uma mancha na parede. Wagner está ajoelhado em frente à parede.

GUILHERME - Se eu te chamei é porque eu não entendo nada de hidráulica, senão eu faria o serviço sozinho, tu não acha?

WAGNER - Eu sei, seu Guilherme, mas eu gosto de explicar direitinho qual é o problema pra não receber reclamação depois.

GUILHERME - Eu confio em ti. A minha mu...a minha ex-mulher me garantiu que tu é de confiança e que o teu serviço é bom.

WAGNER - Ela disse isso? Eu nunca fiz nenhum trabalho de hidráulica pra ela.

GUILHERME - Não? Que engraçado. Ela foi tão enfática no telefone.

WAGNER - Me espanta isso.

GUILHERME - Bom, mas tu entende disso, não entende?

WAGNER - Já falei que acontece da hidra vir quebrada de fábrica, a loja não pode fazer nada.

GUILHERME - E eu já te disse que eu trabalho em casa e por isso eu preciso que tu faça logo esse serviço, porque eu tô no meio dum trabalho e não posso parar. Que foi?

WAGNER - Nada. Eu tava pensando aqui. Na vida.

GUILHERME (*cauteloso*) - A Glória me disse que faz pouco que tu...

WAGNER - Duas semanas.

GUILHERME - Acho que ela tá querendo te dar uma mão, arranjando esses serviços pra ti.

WAGNER (*levantando-se*) - Eu sei que o senhor era marido dela, mas não deve saber que quem me botou na cadeia foi ela.

GUILHERME (*estarecido*) - A Glória?

Wagner assente com a cabeça.

WAGNER (*saindo*) - Eu vou ali trocar a hidra, o senhor me dá licença.

GUILHERME - Olha, não precisa me chamar de senhor. (*sem jeito*) Tu deve ser mais novo do que eu.

WAGNER - Tá bem.

GUILHERME - Eu não sabia dessa história. Na verdade eu nunca me interessei pelo trabalho dela, o que ou quem ela tava julgando.

WAGNER - Tranquilo.

GUILHERME - E...tu foi preso...

WAGNER - Homicídio doloso.

Guilherme fica sem saber o que dizer. O telefone toca.

WAGNER - O senhor me dá licença então. (*sai*)

O telefone toca. Guilherme procura pelo celular entre os cobertores. O telefone toca.

Guilherme encontra o celular. O telefone toca.

GUILHERME - Oi. Tudo. Não vai dar. É que o encanador apareceu agora e eu não sei quanto tempo vai demorar. É, eu espero que dessa vez o banheiro fique decente. Bonitão? Sei lá, não prestei atenção. Tô preocupado com o meu roteiro, tá sem título ainda.

Wagner para na porta do quarto.

GUILHERME - Não, eu não vou transar com ele. Nem chupar o pau dele. Tá, vai almoçar que a gente se vê de noite. Tá tá, outro. Tchau.

Guilherme se vira e vê Wagner.

WAGNER (*constrangido*) - Onde é o registro ?

GUILHERME - O registro? Bah, deve ser na cozinha, na área de serviço, não sei.

WAGNER - O senhor é gay, não é?

GUILHERME - Não te preocupa que eu não vou pedir pra chupar o teu pau.

Wagner se constrange.

GUILHERME - Tá, esquece.

Wagner olha para Guilherme.

WAGNER - Eu não tenho preconceito. Lá na cadeia eu conheci uma bicha e aprendi a respeitar vocês. O que importa é a pessoa ser direita e justa.

GUILHERME - E feliz.

WAGNER - E feliz.

Guilherme começa a arrumar a cama.

WAGNER - O senhor parece ser um cara legal. Deve ter penado com a dona Glória. Todo mundo tem medo dela lá no presídio. A mulher é fogo.

GUILHERME - Fogo, é! Olha só, a minha caneta tá aqui.

WAGNER - Quando ela me botou no xilindró eu só fiquei preocupado com a minha mulher e as crianças.

GUILHERME - Crianças? Tu foi pai com doze então.

WAGNER - Com dezesseis.

GUILHERME - E onde é que eles tão agora?

WAGNER - Com a minha mulher.

GUILHERME - Quantos?

WAGNER - Três.

GUILHERME - E tua mulher tá onde?

Curto silêncio.

GUILHERME - Olha eu me metendo de novo. Vai consertar essa hidra duma vez que eu tenho que terminar esse roteiro.

WAGNER - Ela se juntou com o meu irmão.

Guilherme fica estupefato.

WAGNER- Fazer o que, né? Ela não ia ficar no seco todo esse tempo que eu passei preso. Melhor que seja com o meu irmão.

GUILHERME - Que coisa.

WAGNER - O senhor é feliz, né?

GUILHERME (*ri*) - Olha, acho que sim. Podia ter um pouco mais de grana eu acho.

WAGNER - Eu quero que todo mundo seja feliz. Quem é bom merece ser feliz. Quem não presta tem que ser castigado. Eu já ganhei o meu castigo. E o senhor, o seu.

O telefone toca.

GUILHERME - Oi, Glória.

Wagner vai examinar a mancha na parede. Guilherme acompanha Wagner com o olhar.

GUILHERME - Chegou. Ainda não, é que o encanador bem que tenta consertar o banheiro, mas a loja não ajuda. Eu sei que esse tipo de coisa não se deixa pro outro dia, mas hoje é o único dia que posso dormir mais tarde, não tem aula, e era pra ele ter vindo ontem, mas a hidra tava quebrada, mas não dá nada. Tá eu digo pra ele dar um pulo na tua casa.

Wagner olha para Guilherme. Guilherme pede confirmação com a cabeça. Wagner se vira para a mancha.

GUILHERME - Eu falo pra ele que é urgente. É, o banheiro é uma coisa que realmente precisa ser consertada. Tá, pode deixar. Tchau.

Guilherme desliga o telefone.

GUILHERME - Meu castigo?

WAGNER - O seu casamento.

GUILHERME (*achando graça*) - No começo foi bom. Por incrível que pareça.

Wagner franze as sobrancelhas.

GUILHERME - Era bom sim. A gente tava apaixonado. Tu tá assim porque acha que eu só curto homens, não é? Eu sou bissexual, transo com homem e mulher. Mas o que é que isso tem a ver agora? Tu ouviu que ela quer que tu dê um pulo lá, né?

Wagner assente com a cabeça.

GUILHERME - Vem comigo, vamos procurar esse registro e dar um jeito nessa patente de merda.

Guilherme sai do quarto. Wagner fica parado sob o marco da porta e logo depois vai atrás de Guilherme.

7

Sexta-feira. 16:00.

Praça de alimentação de um shopping center. Bianca está sentada a uma mesa. Um copo de suco na mesa. Bianca lê um livro com muito interesse. Volta e meia ela assoa o nariz. João ao longe procura por Bianca. João enxerga Bianca. Bianca assoa o nariz. João senta-se à mesa de Bianca. Bianca percebe João.

JOÃO - Quantos minutos hoje?

BIANCA - Minutos?

JOÃO - Memória curta, hein?

Bianca hesita entre o livro e João.

JOÃO - Tudo bem, eu volto amanhã.

BIANCA (*quase gritando*) - Não!

Bianca olha em torno percebendo os olhares. Bianca fecha o livro.

BIANCA (*sem jeito*) - Quando eu tô lendo uma coisa que eu gosto, é assim.

JOÃO - Eu fui te procurar no salão.

BIANCA (*incrédula*) - Mesmo?

João assente com a cabeça. João olha para o copo de suco.

BIANCA - Ah, nem te ofereci. Quer?

JOÃO - De que?

BIANCA - Morango.

Curta pausa.

BIANCA - Eu adoro morango, quando é época, né.

JOÃO - Hoje em dia a gente nem sabe mais quando são de estufa ou não.

BIANCA - Pelo menos a probabilidade de ser fresquinho é maior.

Curta pausa.

JOÃO - O meu convite ainda tá de pé.

BIANCA - Eu prefiro sair pra jantar, ir no cinema.

JOÃO - Tem nojo do Guaíba?

BIANCA – Eu ... (*desistindo de contar o que pretendia*) tenho sim.

Curta pausa

JOÃO - O que é que tá acontecendo entre a gente?

BIANCA - Não sei. Não sei.

JOÃO - É tão...

BIANCA - Instigante.

JOÃO - ...ridículo.

BIANCA - Isso é um balde de água fria!

JOÃO - Não, é o momento que é ridículo, tu, nunca.

BIANCA - Insensível, escuta a tua alma.

JOÃO - Prefiro dizer novo, então.

Curta pausa.

BIANCA - Sempre que começa parece novo. Tá com medo?

JOÃO - Não, medo não.

Curta pausa.

JOÃO - A gente tinha que registrar esse momento porque ele é único. Eu tenho a impressão que eu bebi muito.

BIANCA - Flutuando, né?

JOÃO - Leve. Muito leve.

BIANCA - A partir daqui tudo vai mudar, eu vou ficar sabendo que tu só dorme com o barulho do ar condicionado, e tu vai descobrir que eu nunca lavo a louça da janta.

JOÃO - E a gente vai se lembrar com ternura desse lugar barulhento, cheio de gente gorda e rica, com esse ar de impessoal, de nada, de plastificado e incolor.

BIANCA - Eu vou ficar com gosto de morango na boca. Nunca mais vai sair.

JOÃO - O teu nariz.

BIANCA (*hipnotizada*) - Os homens adoram o meu nariz.

João alcança um lenço de papel pra ela. Bianca olha pro lenço. João segura o rosto dela e vira-o para ele. João beija Bianca. Bianca assoa o nariz.

BIANCA - Cada gesto é decisivo de agora em diante.

JOÃO - Eu não tenho mais controle sobre eles.

BIANCA - Não é a situação que é ridícula. Somos nós.

JOÃO - É porque a gente é provisório. Ridículo, porque provisório. O que dura para sempre, pelo menos na aparência, se engrandece e ganha respeito. O sol, a lua...

BIANCA - A água do rio...

Curta pausa.

BIANCA - Tá, eu aceito.

Guilherme se aproxima da mesa. João não vê Guilherme chegando.

JOÃO - Meu coração bate mais forte. Como uma criança no seu primeiro natal.

GUILHERME - É muita coincidência pro meu gosto. Eu acabei de escrever uma cena do meu roteiro, entre o homem...

João aponta para si mesmo.

GUILHERME - ...a mulher...

BIANCA - Eu.

GUILHERME - ...e o existencialista.

Guilherme fica olhando para Bianca.

BIANCA - É que eu tô gripada. (*Para João*) Muito gripada.

GUILHERME (*para João*) - O que é que tu tava falando de criança?

JOÃO - Eu quero ter uma criança.

BIANCA - De verdade?

JOÃO - Eu quero ser uma criança.

GUILHERME - Vocês precisavam ser filmados vinte e quatro horas por dia, porque o que eu tô escrevendo é o que tá acontecendo. É impressionante.

JOÃO - Deve ser alguma bruxaria da ex.

BIANCA - Ex. Que palavra mais feia. Ex.

GUILHERME - Na tal cena, o existencialista explica que não adianta nós termos sido criança. Que depois a gente sempre fica adulto.

BIANCA - O meu...(enfática) ex...não queria uma criança. Tinha medo do casamento e da paternidade.

JOÃO - Então o que é que adianta viver.

BIANCA - Os homens sempre com medo.

GUILHERME - O que o existencialista quer dizer...

BIANCA - É que ser adulto é uma merda.

JOÃO (*para Bianca*) - É que ter medo é uma merda.

GUILHERME - Não. Não. Não. Viver sempre é uma merda.

BIANCA - Eu não vou ver esse filme. Depois não entendem porque é que a gente detesta filme nacional.

João encara Bianca.

BIANCA - A esperança é a última que morre, e eu acredito nisso.

GUILHERME (*ri*) - É isso mesmo o que acontece!

BIANCA - Mas é verdade. Eu faço parte do time que acredita que ... (*percebe o olhar intenso de João*)

GUILHERME - Eu só não consigo me lembrar se em Lohengrin...

JOÃO - Eu te amo.

João pega na mão de Bianca. João e Bianca se encaram.

GUILHERME - Ah, deixa Lohengrin pra lá.

Guilherme percebe os outros dois.

GUILHERME - Eu te amo?

Guilherme olha para os dois sem entender.

GUILHERME (*rindo*) - Isso é sério?

Bianca tira a mão da mão de João.

GUILHERME - Definitivamente os colegas de mesa parecem não concordar. Não acham a vida uma merda.

João recolhe sua mão de cima da mesa e fica embaraçado. Bianca consulta o relógio de uma das lanchonetes da praça de alimentação.

GUILHERME - Mas instantaneamente mudam de opinião e adotam expressões de sofrimento.

BIANCA - Eu perdi a hora.

JOÃO - O nariz.

BIANCA - Tinha uma cliente às quinze pras cinco.

JOÃO - Tá escorrendo.

GUILHERME - Não são maus atores, mas a cena é patética.

BIANCA (*como que hipnotizada*) - Eu nem percebi.

Curta pausa.

JOÃO (*segura no braço de Guilherme*) - E agora, o que acontece agora, me diz, pelo amor de Deus, o que o cara tem que dizer agora.

Bianca se levanta de sopetão e sai cambaleante.

GUILHERME - Na minha cena eles se levantam e começam a cambalear pelo shopping. (*olhando para Bianca*) Exatamente como...

JOÃO - Eu tô enlouquecendo, não pode ser. Deve ser a terapia, vou parar. Essa mulher me enfeitiçou.

GUILHERME - Não, foi tu mesmo que te enfeitiçou.

JOÃO - Mas eu não quero.

GUILHERME - Eu não posso te ajudar.

JOÃO - Eu não posso arrastar essa mulher pro meu mundo de merda, ela precisa ser poupada. Eu não vou mais voltar aqui nesse shopping. Eu nem gosto desse lugar. (*Olha em volta*) Olha que mau gosto essa decoração. E essa gente então!

GUILHERME - João.

JOÃO - Eles vêm aqui pra consumir. E acabam consumindo a si próprios. Eu não quero que a Bianca seja consumida.

GUILHERME - Eu ainda tô sem título.

JOÃO - Tu viu que ela falou no cara dela, ela ainda deve estar ligada nele, ela deve gostar dele, ela deve ter feito planos pra vida dela, uma criança, um casamento com véu e grinalda.

GUILHERME (*anota numa cadernetinha*) - O noivo entrando num cisne, isso não pode ficar de fora. É uma imagem impressionante.

JOÃO - E eu nem perguntei o que ela tava lendo. Eu não me interessei pelo livro dela!

GUILHERME - João, é tu que vai ter que me dar o título dessa história, é só tu e mais ninguém.

JOÃO - Por que eu, por que logo eu? Alguém tem que terminar essa história antes pra poder botar um título. Tu por acaso sabe como ela termina?

Guilherme assente positivamente com a cabeça.

JOÃO (*se protege de Guilherme com as mãos*) - Não me conta. Eu não quero saber. Eu vou tentar escrever esse final pra ti. Talvez aí então tu consiga encontrar o título.

João se levanta.

GUILHERME - Espera, tu não tá dizendo coisa com coisa, eu não posso te deixar sair por aí assim, desvairado desse jeito.

JOÃO - A minha doença é uma maldita flecha enfeitiçada, Guilherme. Tu tem toda a razão. Ninguém pode fazer nada por mim.

João pega o copo de suco de Bianca, olha o seu fundo e bebe o resto de suco.

JOÃO - Era de morango.

João sai na direção oposta da de Bianca.

GUILHERME (*levantando-se*) - Espera!

Guilherme segue João se afastando com o olhar. João desaparece de vista.

GUILHERME (*sentando-se*) - Merda!

8

Domingo. 17:00.

Dentro de uma ambulância. João está deitado numa maca. Emerson ao lado dele controla os sinais vitais. Emerson tenta ouvir um jogo de futebol por um radinho de pilha. João começa a respirar com dificuldade. Emerson larga rapidamente o rádio na estante. Emerson coloca um respirador artificial em João. Devido a uma curva brusca, o rádio cai no chão.

EMERSON *(olhando para o rádio e segurando a máscara de oxigênio contra o nariz de João)* - Meu único rádio!

João vomita um líquido esverdeado.

EMERSON - Bom, muito bom.

Emerson apanha um pano e limpa os respingos na sua roupa. João abre os olhos.

EMERSON - Bem-vindo ao planeta terra. Eu achei que já estava se encaminhando pra fiambreteria.

JOÃO *(tonto)* - O quê?

EMERSON - Presunto, meu caro, presunto. Sabe o que é um presunto?

João olha para o interior da ambulância. João ergue a cabeça e percebe o soro no braço.

EMERSON - Vai ser mais rápido do que tu pensa.

JOÃO - Me sedam e me colocam dentro de uma ambulância e se esquecem de me avisar?

EMERSON - Foi muita sorte sua ter marcado o encanador prum domingo.

JOÃO - Encanador?

EMERSON (*juntando o rádio e batendo nele para ver se funciona*) - É. Foi ele que chamou o zelador pra ver porque tu não abria a porta. Arrombaram o apartamento e te acharam.

JOÃO - Me acharam?

EMERSON - Mais tarde alguém vai ter que te dizer. Tu tentou te matar. (*Bota o rádio no ouvido*) Não conseguiu. Mas que merda de rádio. Também, do jeito que o Nestor dirige essa joça!

JOÃO - Eu não consegui. Meu deus, então eu não consegui.

EMERSON - Não.

JOÃO - Agora eu tô me lembrando...foi tudo muito rápido.

EMERSON - Realmente foi um mês rápido. Já tá acabando. Sabe, tu tem mulher...?

JOÃO - Mulher?

EMERSON - É, tu é casado?

JOÃO - Casado, não.

EMERSON - Quando o cara se livra da mulher é uma maravilha: ninguém fica te pentelhando no ouvido, levanta a tampa, seca o banheiro, troca a lâmpada.

JOÃO - Quando eu tava semiconsciente, várias imagens se embaralhavam na minha cabeça.

EMERSON - E olha, faz pouco que eu saí da casa dela. Eu não agüentava mais cara. A pressão pra casar tava demais.

JOÃO - O cisne do Lohengrin...

EMERSON - Se a gente já tava morando junto, pra que casar? Pra botar um certificado de propriedade no dedo e todo mundo poder ver? Que caretice! Que coisa mais careta.

JOÃO - ...o sonho da patente, o véu, a grinalda...

EMERSON - Bem assim, ela queria casar de véu e grinalda. Olha pra mim, tu acha que eu ia pagar o mico de entrar numa igreja, com aquele povo todo me olhando? De braço dado com a mamãe? Não, comigo não.

JOÃO - ...um anjo de barba...

EMERSON - Eu não entendo as mulheres. Elas vem com cada uma. Parece que foi ontem que eu comia aquela empada que eu tinha levado do hospital com toda a calma do mundo, assistindo o meu joguinho na tevê, e ela de repente, se chegando como quem não quer nada.

JOÃO - ...e eu tenho quase certeza que a grinalda tava toda manchada de merda.

EMERSON - Tu não acha que já tá na hora, como se eu tivesse fazendo alguma coisa errada, na hora da gente pensar numa festa de casamento?

JOÃO - Manchada de merda.

Emerson presta atenção em João.

JOÃO - Eu conheço uma guria, fico entusiasmado, e a grinalda aparece manchada de merda. Não devia ser o contrário?

EMERSON - Cara, tá tudo bem contigo?

JOÃO - Não sei, tu é que tem que me dizer isso.

EMERSON - Tu tá delirando, falando um monte de bobagem. Vai ver que a mistura de detergente com comprimido tá comprometendo a tua lucidez.

JOÃO (*encara Emerson por uns instantes de falar*) - Eu e tu dentro duma ambulância. Tu, te livra duma guria, eu, me engato noutra.

EMERSON - Deixa eu ver essa pressão.

JOÃO - Eu perdi o medo. Foi isso.

EMERSON - O detergente surtiu efeito. É pra isso que ele serve mesmo, pra limpar, desengordurar. Qual era o sabor?

JOÃO - Sabor?

EMERSON - É, o tipo do detergente, maçã, limão...

JOÃO - Glicerina.

EMERSON - Que foda. Que coragem.

JOÃO - Viu, eu te disse que eu tinha perdido o medo. Eu precisava passar por isso, foi tipo uma prova de coragem, um rito de iniciação.

EMERSON - Eu acho melhor eu te sedar pra tu ficar mais tranqüilo.

JOÃO - Não!

Emerson se impressiona com João.

JOÃO - Eu quero dizer que eu tô bem, tô muito bem. Eu tô vendo. Eu tô enxergando. Ah, o que é que eu tô fazendo aqui. Quando é que os caras vão me dar alta, hein? Quem sabe tu pede pro carinha aí do frente parar a ambulância, tu rasga a ocorrência e eu pago umas cervejas pra vocês?

Emerson franze as sobrancelhas e balança a cabeça dum lado pro outro desconsiderando a idéia de João.

JOÃO - Eu tô perdendo tempo, entendeu? Ela deve tá me esperando.

EMERSON - Que esperando, o que. Ela deve é tá com outro, isso sim.

JOÃO - Mas eu sei que ela tá a fim de mim, isso ficou claro no nosso último encontro.

EMERSON - Vocês treparam?

JOÃO - Claro que não. A gente tava num shopping.

EMERSON - Então ela não tá a fim de ti ainda. Pra elas tarem a fim, elas tem que ter ido pra cama contigo. Ela tá te sondando.

João franze a testa.

EMERSON - Minha guria trabalha num shopping.

JOÃO - A minha também. Viu que coincidência, mais uma.

EMERSON - Cara, é o seguinte, eu acho que tu tá meio transtornado ainda, a glicerina deve tá no sangue. (*Encara João*) Não te entusiasma assim por causa de uma mulher. Tu vai te arrepender depois.

JOÃO - Não, eu sei que não.

EMERSON - Então tá. A vida é tua. Azar é o teu.

JOÃO - Tu tá decepcionado, é por isso. Quando tu encontrar uma outra mulher, tu não vai mais pensar assim.

EMERSON - Não tem outra mulher, agora é outra aventura, outra brincadeira. Trouxa.

JOÃO - Eu pedindo pra sair dessa maca e agora esse enfermeiro me xingando a caminho do hospital.

EMERSON - Xingando? Abrindo os olhos.

João desiste e se deita de volta na maca.

EMERSON - Pressão tá boa, doze por sete. Respiração normal. Batimento cardíaco regular.

Emerson pega o rádio e dá um soco nele. O rádio volta a funcionar. Emerson coloca o rádio no ouvido.

EMERSON - Agora fica aí quietinho que eu quero ouvir o fim do meu jogo. A gente já vai chegar no hospital.

9

Segunda-feira. 08:00.

Banheiro do apartamento de Bianca. Bianca está sentada na patente com o cabelo enrolado numa toalha ouvindo atentamente as explicações de Wagner. Wagner, de pé, ao lado do box.

BIANCA (*sem jeito*) - Eu sei que a gente não pode depender de homem, mas a gente acaba se acostumando. (*olha para Wagner, irritada*) E são vocês que fazem questão de fazer esse tipo de serviço, não vem que não tem. Meu ex-marido...namorado...companheiro, ah, sei lá o que é que ela era no fim das contas, bom, o cara ficava puto comigo se eu trocasse alguma lâmpada queimada. O senhor tinha que ver.

Wagner fica encarando Bianca com um sorriso nos lábios.

BIANCA - A sua mulher também troca lâmpada?

Wagner fica sério.

BIANCA - Deve trocar porque, como vocês dizem, no fundo nós somos todas iguais.

WAGNER - Eu não tenho mais mulher.

BIANCA (*sem jeito*) - Mas a aliança, eu pensei que...

WAGNER - Ela me largou.

BIANCA (*tentando consertar*) - Ih, olha só, estamos no mesmo barco. Eu também fui abandonada. Só que pra mulher é muito pior. Tem que ver o falatório. E o senhor acha que as casadas me querem por perto? Ah, ah, ah!

Bianca se olha no espelho.

BIANCA - Tô ridícula com esse troço no cabelo, não tô?

Wagner não responde.

BIANCA (*tímida*) - É que eu conheci um cara...e pode ser que...ele tem ido bastante no shopping ... (*olha para Wagner*) Eu trabalho no shopping, sabe, num salão de beleza.

WAGNER - Posso lhe explicar aqui como é que a senhora deve fazer?

BIANCA - É só o que me faltava. Primeiro, o canalha do Emerson, agora é o encanador que me xinga. (*chorosa*) Vê se não grita comigo, não me xinga não. Eu sou muito sensível. Pô, acabei de sair duma relação super difícil.

WAGNER - Mas a senhora não disse que já conheceu um outro cara?

BIANCA - Como assim já, eu não fico trocando de parceiro a cada estação, o que é isso, eu sou fiel.

WAGNER - Desculpa.

BIANCA - Acho bom. Encontrando com o encanador às oito e meia da manhã. Sorte que a primeira cliente é só às dez e meia.

WAGNER - Eu não sou encanador, eu sou um técnico- hidráulico. E eu não tô lhe xingando, eu tô lhe dando a real. A senhora tem todo o direito de fazer o que quiser, a vida é sua. Então aproveite.

BIANCA - É minha sim. Só minha.

WAGNER - Isso. Agora eu queria lhe falar do banho ideal.

BIANCA - Tá bom. (*com um leve deboche*) Me dá a real então. Me ensina o banho ideal.

WAGNER - Pra água esquentar apropriadamente, tem um tempo específico. A gente tem que dar tempo pra água ficar na temperatura ideal, entendeu?

Bianca acena positivamente com a cabeça.

WAGNER - Todo mundo tem a mania de querer antecipar o banho e por isso ficam horas mexendo nas torneiras pra regular a temperatura, daí então fica ou muito quente ou muito frio, não é verdade?

BIANCA - A mais pura verdade.

WAGNER - O que eu tento passar pras pessoas é que elas tem que ter paciência , como com tudo na vida. (*Encarando Bianca nos olhos*) Paciência, viu, dar tempo ao tempo. Tudo tem uma hora certa na vida.

Bianca meio hipnotizada se senta na patente.

WAGNER - E por falar nisso, tu deveria ter muita cautela de agora em diante. Quando a gente perde uma pessoa, a gente se desespera, a gente quer fazer bobagem: ou acabar com a pessoa, ou então procurar alguém pra botar no lugar dela, e aí a gente sai desvairado por aí. Não. Isso tá errado. Muito cuidado. Às vezes a pessoa certa tá do nosso lado e a gente nem percebe.

Curta pausa.

WAGNER - Eu conheço um cara muito legal que eu queria apresentar pra ti.

BIANCA - Me apresentar?

WAGNER - Gente fina. Uma raridade. Trabalhador, inteligente, educado, aquilo que toda mulher procura. Eu vou dar pra ele o seu telefone, pode ser?

BIANCA - O meu telefone? Pode. Quer dizer, dar o meu telefone? Mas, pera aí, eu pareço desesperada atrás de um homem? Um encanador que eu nem conheço me dizendo que tem um cara ideal pra mim? Tu é algum cupido, um anjo anunciador?

WAGNER - Um anjo? É, um anjo.

BIANCA - Um anjo?

WAGNER - Vem aqui pra eu te mostrar agora.

BIANCA - Mostrar?

WAGNER - O banho.

BIANCA - Ah.

Bianca vai até Wagner lentamente observando-o.

BIANCA - Agora ele liga o chuveiro e me coloca embaixo d'água. O senhor é um assassino psicopata?

WAGNER - Nunca matei ninguém.

Wagner faz menção de abrir a torneira.

WAGNER - Agora eu vou lhe pedir pra contar até que a temperatura esteja boa.

BIANCA - Pra mim contar quanto tempo eu levo pra começar a gostar do banho?

WAGNER - Pode ser?

BIANCA - Tá, eu conto.

Wagner abre a torneira. Bianca coloca a mão na água. Wagner percebe um pequeno pato de borracha junto do xampu.

WAGNER (*apontando com a cabeça para o pato de borracha*) - Do seu filho?

Bianca sacode a cabeça negativamente enquanto continua contando em voz baixa os segundos.

WAGNER - Um patinho de borracha vermelho. Meio esquisito esse pato. Não se parece com um pato.

BIANCA (*arrancando o pato de borracha das mãos de Wagner e colocando dentro da pia*) - Não é um pato. É um cisne. Trinta e sete segundos.

WAGNER - Um cisne?

BIANCA - Sabe o que é um cisne.

WAGNER - O cisne é um pássaro elegante.

BIANCA - Mas quando eles são novinhos eles são desajeitados. Nunca leu a história do patinho feio? Claro, o senhor não tem filhos.

WAGNER - Três. Trinta e sete?

BIANCA - É. Trinta e sete. Três?

WAGNER - Três. Viu? Ele me deixou meio acabrunhado. Desculpa a pergunta, mas porque um pato feio?

BIANCA - Um cisne, não um pato. Sim, vi, mas não sei o que isso quer dizer, porque eu não acredito que todos os chuveiros demorem o mesmo tempo pra esquentar. Um deve ser diferente do outro. Eu aposto que o seu não leva trinta e sete segundos.

WAGNER - Trinta e sete segundos.

BIANCA - Ah, tá bom. Isso o senhor diz pra todas. É assim que tu engana os clientes, não é

WAGNER - Não. Eu não engano ninguém. A senhora vai ver que quando esse meu conhecido lhe telefonar, eu não vou ter lhe enganado.

BIANCA - Quem é esse cara misterioso afinal. Seu irmão É o seu irmão, não é?

WAGNER (*amargo*) - Meu irmão é casado.

BIANCA - Bom, eu tô achando tudo isso uma loucura, mas eu não tenho nada a perder mesmo. Se eu não gostar do cara, secretária eletrônica nele. Tá pronto o chuveiro? Dá pra eu pagar com um pré-datado? Sabe o que é que é? Fim de mês, a grana tá curta. A população de madames diminuiu consideravelmente, o senhor sabe, a concentração de renda no nosso país tá cada vez mais díspar. Os mais ricos detêm cada vez mais dinheiro. E o que é que sobra pra nós, não é?

Bianca sai. Wagner olha para o cisne de borracha, pega-o e fica olhando para ele.

VOZ DE BIANCA - Vem aqui que eu tô anotando o meu número de telefone. Mas diz pra ele me ligar de noite, porque eu passo o dia todo no salão.

Wagner coloca o cisne dentro da sua maleta de trabalho e sai do banheiro.

10

Segunda-feira. 18:00.

Quarto de dormir da casa de Glória. Glória está de costas para a porta do quarto mexendo numa gaveta do camiseiro. Ela veste um tailleur justo. Wagner está sob o marco da porta de entrada do quarto.

GLÓRIA - Não me importo, já disse, só achei estranho, você chegou sozinho (*tira uma calcinha e um sutiã do camiseiro e vira-se para Wagner*) e de repente eu ouço pessoas conversando na minha cozinha, é claro que eu vou descer para conferir, não te parece razoável?

WAGNER - Então tá bom, dona Glória. O encanador costuma falar sozinho. Não consegue ficar sozinho sem ter que falar. Imagina como as paredes são e onde está

vazando. Eu vejo os canos dentro das paredes e a água passando, escorrendo. O cérebro do encanador consegue entrar na parede das casas.

GLÓRIA - Que imaginação fértil. Para um ex-presidiário, está muito bem. Porque naquele antro desenvolver qualquer habilidade mental é uma dádiva.

WAGNER - A senhora tem toda razão. Não é fácil.

GLÓRIA - O cheiro.

WAGNER - Insuportável.

GLÓRIA - A umidade.

WAGNER - Muita.

GLÓRIA - O vocabulário daquela gente.

WAGNER - Um pobrema.

GLÓRIA - Problema, Wagner, problema.

WAGNER - É. Pobrema.

GLÓRIA (*para si mesma*) - Ele repete o erro. (*Para Wagner*) Diz, pro-ble-ma.

WAGNER - Pro-ble-ma, por três vezes: fétido, molhado e ignorante.

Glória se assusta com o vocabulário de Wagner.

GLÓRIA - Tu tava brincando comigo, não tava?

WAGNER - Não, senhora.

Glória se senta na cama de frente para Wagner e cruza as pernas, colocando-as à mostra.

GLÓRIA (*alisando a meia-calça com a mão*) - Me diz uma coisa. (*Olhando para Wagner*) Do que é que tu sentia mais falta.

WAGNER - Na cadeia?

GLÓRIA - Hu-hum.

WAGNER - Ah, de muitas coisas...

GLÓRIA - Por exemplo?

WAGNER - A comida era muito ruim.

GLÓRIA - Pode se servir na minha geladeira. Eu desço contigo depois. O que mais?

WAGNER - O tratamento. A gente é feito bicho pra eles.

GLÓRIA - Aqui fora eu vou te dar uma mão. Foi na cabelereira hoje de manhã?

Wagner acena positivamente com a cabeça.

GLÓRIA (*olhando as unhas*) - Uma pobre coitada, deve morar numa espelunca. No Sarandi, Navegantes, Cristal. É tem cara de quem mora no Cristal.

WAGNER - Ela mora no Menino Deus.

GLÓRIA (*surpresa*) - Mesmo? E com vista pro rio?

WAGNER - Ah, isso eu não percebi.

GLÓRIA - E percebeu o que então? Aquilo que tu não tinha na cadeia? Que fazia falta?

WAGNER - Ela é moça direita.

GLÓRIA - Ah, moça direita. E a tua mulher, era o que?

WAGNER - Eu não tenho mulher. Era o que ela queria ser.

GLÓRIA - Então já ficasse sabendo...

WAGNER - Já.

GLÓRIA - E as crianças.

WAGNER - Tem a mãe dela. Foi crime passional.

GLÓRIA - É o que está parecendo. Mas não concluíram o inquérito ainda. Se ela te trocou daquela vez, não ia deixar de fazer isso de novo.

WAGNER - Eles já tão enterrados. Vamos deixar eles em paz.

GLÓRIA - Tá aliviado que os dois morreram? Ou triste.

WAGNER - Era meu irmão e a mãe dos meus filhos. Mas o tempo que a gente passa na cadeia embrutece a gente.

GLÓRIA - Mas também ensina vocês a não repetirem mais os mesmos erros.

WAGNER - A cozinha tá consertada. Eu queria ir embora pra minha casa.

GLÓRIA - Gostou do lugar que eu te arranjei?

WAGNER - Sim.

GLÓRIA - Não é nenhum bairro nobre, mas tu também não ia te sentir à vontade num meio diferente do teu, não é?

WAGNER - Isso não importa. Eu me adapto.

GLÓRIA - Prefere então um três quartos com gabinete e dependência completa?

WAGNER - Isso não me importa. Eu me adapto.

GLÓRIA (*para si mesma*) - Ele agora fixa-se no problema. (*Para Wagner*) Olha, amanhã de manhã eu queria que tu...

WAGNER - Eu já tenho dois serviços marcados pra amanhã de manhã. Inclusive na casa do seu João.

GLÓRIA - Outro pobre coitado. Tenho que ver o que eu vou fazer com ele. Porque eu tô muito bem servida: o meu assessor tenta se matar com uma garrafa de detergente e o meu encanador é um ex-assassino, e está sozinho em minha casa comigo.

Wagner encara Glória.

GLÓRIA - Para de me olhar assim. Parece que eu tô nua.

WAGNER - Eu só tenho esse olhar.

Glória levanta-se, e vai até o banheiro, numa peça contígua

VOZ DE GLÓRIA (*gritando*) - E não me corta mais quando eu tiver falando. Eu odeio isso.

Ouve-se o som da água do chuveiro. Glória volta e pega o sutiã e a calcinha de cima da cama.

GLÓRIA - Então, quando o encanador mais conhecido da cidade tiver um tempo livre, eu solicito a sua presença na minha casa.

WAGNER - Amanhã depois das quatro?

GLÓRIA - Eu olho na minha agenda e ligo.

WAGNER - Ainda não instalaram o telefone.

GLÓRIA - Como não! Eu liguei pessoalmente pra Cíntia! Eu sempre fui contra essas privatizações em massa, dá nisso. Tá, eu vejo isso amanhã.

Glória começa a desabotoar a blusa.

GLÓRIA - Tá, vai, pode ir. Vai querer me ver tirar a roupa? Eu estou no meu quarto. Tá dormindo?

WAGNER - Com licença.

Wagner sai. Glória tira a blusa e o sutiã. Ouve-se um barulho de porta batendo. Glória alisa o seio de olhos fechados.

11

Terça-feira. 09:30.

Quarto de dormir do apartamento de João. João se contorce embaixo dos cobertores. Wagner perto da porta de entrada do quarto observa João com uma chave de fenda na mão. João coloca a cabeça para fora dos cobertores.

WAGNER - Não vai adiantar nada o senhor ficar aí pro resto da vida. Agora o senhor tá vivo, sobreviveu, então, mãos à obra.

JOÃO - Wagner, o cara aqui não escovou os dentes e teve pesadelos de noite. Esse abril vai ser o mais frio dos últimos anos. Das últimas décadas. Pra que é que eu vou abandonar a minha hibernação? Pra ter que olhar na cara da minha chefe? Pra explicar pra minha que-ainda-não-é nada-minha que eu tomei um tubo de detergente e não morri? Pra que, me diz, hein, pra que?

Wagner vai até a janela e abre-a .

JOÃO - Cara, tu não é o meu pai, tu é só um hidráulico, um cara que conserta cano furado.

João senta na cama ficando com a parte inferior do corpo debaixo do cobertor. João e Wagner se olham.

JOÃO - Eu não acredito que isso tá acontecendo comigo.

WAGNER - Preciso te arrancar dessa cama?

JOÃO - O que?

WAGNER - O dia já tá alto.

JOÃO - Quem é tu?

WAGNER - Eu conheço uma pessoa que ia fazer bem pro senhor.

JOÃO - Fazer bem? Ah, tá.

WAGNER - Ontem eu fui arrumar o chuveiro de uma moça muito simpática. Ela tinha um cisne de borracha.

JOÃO - Será que eu já acordei do meu pesadelo?

WAGNER - Ela é encantadora. Tu ia gostar muito dela.

JOÃO - E eu tô precisando de alguém?

WAGNER - Tá precisando de uma mulher que goste de ti, que cuide de ti e te trate com carinho.

JOÃO - A tua faz tudo isso pra ti?

Curta pausa. Wagner se vira e vai até a janela. Wagner ajusta um parafuso com a chave de fenda.

WAGNER - Ela morreu, seu João.

JOÃO - Mas a Glória tinha me contado, faz duas semanas, que tu...

WAGNER - Foi no domingo. Mataram ela.

JOÃO - Deus!

WAGNER (*virando-se para João*) - Isso, João, reza. Fica bem feliz que tu ainda pode arrumar a tua vida.

Wagner num ímpeto arranca João para fora da cama. João abraça a si mesmo de frio.

JOÃO - Eu não quero. Eu...

WAGNER - Olha, tu tem um emprego que te dá uma boa grana, eu tenho uma mulher nota dez pra ti.

JOÃO - Gente, isso é surreal.

WAGNER - Eu dei o teu telefone pra ela.

JOÃO - O meu telefone?

WAGNER (*procurando no bolso da calça*) - Aqui tá o dela, ó.

João pega o pedaço de papel e olha para o número escrito nele.

WAGNER - É uma moça simples, mas muito faceira.

JOÃO - Faceira.

WAGNER - E bonita.

JOÃO - Rica?

WAGNER - Não.

JOÃO - Culta? Esperta?

WAGNER - Despachada.

JOÃO (*subitamente confiante e altivo*) - Eu conheci uma outra pessoa, e eu tô, de certa forma, compromissado com ela.

WAGNER - Ah, é? Que pena.

JOÃO - É. Pena mesmo.

WAGNER - Vão sair hoje?

JOÃO - Quem?

WAGNER - Tu e a tal moça.

JOÃO - Não.

WAGNER - E ela te ligou pra saber como tu tá?

JOÃO - Mas ela nem ficou sabendo de nada.

WAGNER - Mas que compromisso é esse?

JOÃO (*irritado*) - Tu não tem nada que ver com isso. A gente tem um acordo...é tipo um ímã que nos atrai, sacumé? Uma relação magnética.

WAGNER (*apontando pro papel na mão de João com a cabeça*) - Magnética, é. Tá bom. Eu ligaria pra essa moça.

JOÃO - Ligaria?

WAGNER - Sozinho todo esse tempo, como é que o senhor agüenta isso?

JOÃO - É bom, às vezes. Às vezes é ruim. Complicado, né?

WAGNER - A vida é complicada.

Curta pausa.

WAGNER - Se o senhor botasse os pés na rua, ia ver que o rio tá marrom hoje.

JOÃO (*interessado*) - É mesmo? Quando esfria, ele escurece. Também gosta de ficar olhando pra ele?

WAGNER - Hu-hum. Vou lá no gasômetro e fico sentado, olhando.

JOÃO - Ele nos cerca por todos os lados. Vai lá do Navegantes até o Belém Novo. (*triste*) Eu fiquei de levar ela pra ver o rio...

Longa pausa. Wagner vai até a janela e olha para fora. João olha para o pedaço de papel na sua mão. O telefone toca. João olha para Wagner. Wagner se vira. O telefone toca.

WAGNER - Deve ser ela.

JOÃO - Primeira vez que ele toca depois do...

O telefone toca.

WAGNER - Pode ser que ela não ligue nunca mais.

JOÃO - Eu ligo pra ela.

WAGNER - Ela vai ficar sentida.

O telefone toca. João atende.

JOÃO - Alô. (*Olha para Wagner*) Ah, oi Glória.

Wagner faz um gesto indicando que não está ali.

JOÃO - Não, ele já foi. Tchau.

João desliga o telefone.

JOÃO (*estupefato*) - A primeira pessoa que me liga nem pergunta se eu vou bem.

WAGNER - Agora tu tem a chance de ligar pra ela antes que ela ligue pra ti.

JOÃO - Era a Glória. Queria saber se tu ainda tava aqui.

WAGNER - Vai. Não perde tempo. (*Saindo do quarto*) Vou ficar na torcida. (*Sai*)

Ouve-se um barulho de porta batendo. João se senta na borda da cama ao lado do telefone. Olha mais uma vez para o papel.

JOÃO - Água, eu preciso de água. Isso tudo deve ter sido um pesadelo. Será que eu tô morto e ninguém me avisou? Um papel amassado na minha mão e as explicações do encanador param. A gente já tá em abril, tá um puta frio lá fora e ela deve estar me esperando, sentada naquela praça de alimentação.

João olha para o papel.

JOÃO - Não, eu quero é ela. Eu não quero uma mulher virtual, por enquanto reduzida a um número de telefone.

João larga o papel na mesa de cabeceira.

JOÃO (*esfregando os cabelos com as duas mãos*) - Vamo lá, vamo lá. Banho, shopping e coragem!

Terça-feira. 21:30.

Quarto de dormir da casa de Glória. Glória sentada contra o espaldar da cama fumando e pensando. Barulho de chuveiro ligado. Ouve-se o chuveiro sendo desligado. Glória apaga o cigarro no cinzeiro. Glória vai até o armário e tira três tailleurs. Glória coloca-os sobre a cama. Wagner entra do banheiro, nu, secando-se com uma toalha preta. Glória olha rapidamente para Wagner. Glória examina os tailleurs com o olhar cuidadosamente.

GLÓRIA (*pendurando um dos tailleurs no armário*) - Eu nem quis saber como ele tava. (*olha para Wagner*) Como é que ele tá? Quer dizer, ele continua falando sozinho?

WAGNER - É uma cara legal.

GLÓRIA - Sim, pra ti todo mundo é legal. (*Com deboche*) Transou com ele também? Ninguém me convence que tu não traçou a cabelereira. E com os anos de experiência na cadeia, acabou se acostumando com macho também.

Glória levanta os dois tailleurs e se olha no espelho.

WAGNER - Eu vou ficar fora dois dias.

GLÓRIA (*indignada*) - Como fora?

WAGNER - Tenho que resolver uns problemas da minha família no interior.

GLÓRIA - Família? Que família? Teus pais já morreram. Tuas irmãs, as três moram aqui em Porto Alegre. Teu irmão...tua mulher...teus filhos tão com a tua sogra. Que família é essa? Alguma outra mulher que tu embuchou por aí?

WAGNER - Eu volto.

GLÓRIA (*jogando os tailleurs na cama*) - Mocinho, eu te condenei e por isso eu tenho jurisdição completa sobre ti. Quer dormir embaixo da ponte? Ficar catando comida em

lixo? (*Suavemente debochada*) Ou tu acha que esses servicinhos hidráulicos sustentam alguém?

Wagner fica em silêncio segurando a toalha. Wagner vai ao banheiro.

GLÓRIA - Não!

Wagner para no meio do caminho.

GLÓRIA - Banho, sim, porque é comigo. Outras necessidades fisiológicas tudo bem, mas no outro banheiro, longe de mim. (*Perfumando-se em frente ao espelho*) Quero conservar a imagem de um selvagem barbudo que seja limpo, puro.

WAGNER - Eu só ia pendurar a toalha.

GLÓRIA - Larga no chão. A empregada recolhe depois. Eu adoro uma toalha no chão. Uma toalha no chão é tudo.

Wagner faz menção de sair do quarto.

GLÓRIA (*olhando-se no espelho, de costas para Wagner*) - Vai aonde?

WAGNER - Botar uma roupa.

GLÓRIA - Não. Eu prefiro au naturel.

Glória se vira para Wagner. Examina o corpo dele com o olhar.

GLÓRIA - É impressionante como vocês, ex-presidiários, dão de dez a zero em qualquer menininho de academia. A cadeia fez muito bem pra ti.

Curta pausa. Glória se enrosca em Wagner, passando a mão no peito dele. Wagner fecha os olhos controlando a sua raiva.

GLÓRIA - Eu não posso crer que tu tenha raiva de mim.

Glória desce a mão até o cordão umbilical de Wagner.

GLÓRIA - Eu fui muito condescendente contigo. Dez anos é uma pena razoável. Tem juízes, os maus, que condenam por quinze.

Glória beija Wagner na boca.

GLÓRIA - Eu acho que vou te proibir de ficar indo na casa dos outros. (*Com voz infantil*) Sabe, eu fico com muito ciuminho. Só de imaginar o teu pau entrando e saindo dum corpo estranho, um outro corpo que não seja o meu, isso acaba comigo. Fico acordada a noite inteira e não consigo voltar a dormir.

Glória se solta de Wagner e pega um dos tailleurs.

GLÓRIA - Este. Hoje eu preciso ser respeitada. Essa cor impõe respeito.

WAGNER - A senhora gosta muito de marrom.

GLÓRIA (*surpresa*) - Eu queria que tu fosse menos perspicaz. Se eu pudesse, eu arrancava o teu cérebro e pendurava o resto num cabide, dentro do meu armário, pra usar quando eu bem entendesse.

WAGNER - A senhora gosta de marrom e tem um instinto violento muito apurado.

GLÓRIA (*vai até Wagner, quase encostando a boca na boca dele*) - Mas eu não sou uma assassina.

WAGNER - A senhora gosta de marrom, tem instinto violento e acha que pode comprar as pessoas.

Curta pausa.

GLÓRIA (*cínica*) - Sabe, eu fiquei muito...comovida ao ver os seus filhos chorando no funeral da mãe deles.

Wagner franze a testa.

GLÓRIA - Pobrezinhos, tão desamparados, já não tinham pai, ter tinham, mas era como se não tivessem, e a mãe, esticada naquele caixão, como choravam...

Wagner agarra Glória com força e joga-a na cama.

GLÓRIA - Isso, bate, bate com força!

Glória geme e coloca as mãos entre as pernas.

GLÓRIA (*ficando de quatro sobre a cama, de costas para Wagner, e rebolando* - Arrebenta comigo, me rasga, vem!

Wagner hesita. Wagner se olha no espelho. Wagner coloca as mãos no rosto. Wagner tira as mãos e olha para Glória. Glória geme cada vez mais sensualmente. Wagner vai até Glória e penetra-a por trás com violência. Wagner chora enraivecido. Glória geme de prazer.

13

Quarta-feira. 19:30.

Sala de estar do apartamento de Bianca. Emerson de pé próximo à porta de entrada.

Bianca de pé com os braços cruzados na frente de Emerson.

BIANCA (*esticando a mão*) - Antes de mais nada, me devolve a chave.

EMERSON - Oi.

BIANCA - Eu não quero constranger cara nenhum que venha aqui e dê de cara contigo abrindo a porta.

EMERSON (*um pouco irritado*) - Tu pode me dizer oi pelo menos?

BIANCA - E hoje eu vou sair, não tenho muito tempo (*vai sentar-se no sofá*)
desembucha logo o que tu quer.

Emerson fecha a porta de entrada. Bianca vira-se com o barulho da porta sendo fechada.

BIANCA - Não precisa te preocupar com os vizinhos, viu? Todo mundo já sabe o que aconteceu e que eu sou uma pobre mulher abandonada e solitária correndo perigo de ser assaltada e violentada por um marginal.

EMERSON - Hoje faz exatamente uma semana que eu fui embora.

Bianca se arrepia. Bianca se serve de uísque.

EMERSON - Agora tu bebe uísque, é?

Emerson percebe um papel com um número de telefone sobre o aparador da entrada.

BIANCA - Agora eu faço muita coisa que eu não fazia contigo.

EMERSON (*pegando o papel*) - Ah, é?

BIANCA - Até pra tomar banho no Guaíba me convidaram.

EMERSON (*olha para Bianca*) - E tu foi?

Bianca senta-se no sofá.

EMERSON - Eu queria conversar sério contigo.

BIANCA (*saboreando o uísque nos lábios*) - Ainda não fui, mas em breve irei.

EMERSON (*lendo do papel*) - Com o 333457...

BIANCA - Não mexe nas minhas coisas!

EMERSON - Sei lá que número é esse...a tua letra era mais legível.

BIANCA - Não é minha letra. É do Wagner.

EMERSON - Ah, o nome dele é Wagner, é?

BIANCA - Idiota, o Wagner é o encanador.

EMERSON - Encanador? Tu tá me dizendo que faz uma semana que eu fui embora e já tem um encanador te comendo?

BIANCA - O número do telefone não é dele, é dum cara que eu nem conheço ainda.

EMERSON - Como assim? O cara te dá o número e tu nem sabe quem é?

BIANCA (*querendo se abrir com Emerson*) - É que na verdade eu conheci um cara lá no shopping...

EMERSON - Porra, se tu continuar nessa média, vai acabar ficando com vinte caras em meio ano.

BIANCA - Vai te fuder, Emerson. Invade a minha casa e acha que pode sair dizendo o que bem entende, hein?

EMERSON (*segurando o braço de Bianca com força*) - Olha aqui, a gente só se deu um tempo, eu achava que no mínimo tu e eu, a gente poderia ter se respeitado.

BIANCA - Tá doendo.

Emerson tira o copo de Bianca.

BIANCA - O que que é, vai controlar o meu uísque também? Arranca a bebida, puxa o braço, que inferno, o cara dá um chute na bunda da gente, todo mundo fica com pena de ti e de repente o cara volta com um papinho (*com voz debochada*) hoje faz uma semana, sabia?

EMERSON (*sério*) - Hoje faz uma semana que a gente se afastou.

Bianca olha para Emerson sem saber o que dizer.

EMERSON - E desde o momento que eu botei meu pé no corredor do edifício eu me dei conta que eu fiz uma grande cagada.

Ouve-se um trecho da marcha nupcial da ópera Lohengrin. Bianca olha para o teto.

BIANCA - Mas o que que é isso?

EMERSON - Eu passei esse tempo todo refletindo.

O telefone toca. Bianca olha para o telefone. Bianca olha para Emerson.

EMERSON - E eu cheguei a uma conclusão.

O telefone toca.

BIANCA - Cara, isso não é justo.

EMERSON - Eu aceito.

O telefone toca. Bianca olha para o telefone.

BIANCA - A gente podia ter evitado tudo isso.

EMERSON - Eu aceito me casar contigo.

O telefone toca. Bianca corre até o telefone.

BIANCA (*ansiosa*) - Alô?

A música cessa.

BIANCA - Alô? (*desliga o telefone*) Merda!

EMERSON (*se aproximando de Bianca*) - Tu ouviu o que eu disse?

Bianca se afasta de Emerson.

BIANCA - Ouvi, Emerson, ouvi.

EMERSON - Só vai dizer isso?

BIANCA - As coisas não são tão fáceis assim. Pra ti pode ser que sejam, mas pra mim não. E mesmo que eu não tivesse conhecido o João, mesmo assim alguma coisa se quebrou há uma semana atrás. Não é mais a mesma coisa.

EMERSON - Mas esse...João...tu mal conhece o cara. Não é possível que em menos de uma semana...

BIANCA - É possível, sim, é possível. Eu também não sei explicar. É muito estranho.

Curta pausa.

EMERSON - Então eu vim aqui por nada?

BIANCA - Não, eu acho que tu fez bem em vir aqui.

EMERSON - Pra terminar tudo em definitivo?

BIANCA - Pra conversar. Pra esclarecer.

EMERSON - Tu não me ama mais?

BIANCA - Caralho, amo, claro que amo.

Bianca cobre o rosto com as mãos. Emerson abraça Bianca.

EMERSON - Tu tá confusa, porque tu não esperava que eu fosse concordar com o casamento, isso te deixou nervosa. Eu te entendo.

BIANCA - O que eu quero que tu entenda é que a tua atitude, isso foi uma facada, eu preciso me recuperar, eu ainda tô ferida.

EMERSON - Eu vou trazer as minhas coisas amanhã e tudo vai voltar a ser como era antes.

BIANCA (*de imediato*) - Não!

Curta pausa. Emerson olha para Bianca. Bianca foge do olhar de Emerson.

EMERSON - Tu não quer mais saber de mim.

BIANCA - Para com esse jogo, Emerson. Tu veio conversar sério, então vamos conversar sério.

EMERSON - Mas quem te comeu mais do que eu?

Bianca fica atônita.

EMERSON - Quem quase te engravidou?

BIANCA (*decepcionada*) - Tu é um filho da puta.

EMERSON - Como é que tu pode me trocar por uma cara que tu nem conhece direito, um legítimo João-ninguém?

Bianca tenta bater em Emerson. Emerson segura o braço de Bianca.

Ouve-se a ópera Lohengrin.

EMERSON - Eu vou ir atrás desse cara e eu vou matar ele. Ninguém vai te tirar de mim.

BIANCA - O que aconteceu contigo?

EMERSON - Aconteceu que eu te amo e tu não vê isso.

BIANCA - Tu virou um monstro.

EMERSON - Eu não consigo ficar mais um minuto longe de ti.

BIANCA - Ou então sempre foi um monstro e eu não enxergava isso.

EMERSON - Eu tô louco pra te agarrar e não soltar mais.

BIANCA - Eu tenho medo de ti.

EMERSON - Me grudar na tua boca e não soltar mais.

BIANCA - Um medo que eu nunca senti por ninguém.

EMERSON - Te engolir.

BIANCA (*vai até a janela*) - Vai embora, por favor. Volta outro dia.

Bianca se debruça no parapeito da janela.

BIANCA - Tá sentindo o cheiro do rio? Tá forte hoje.

EMERSON - Te engolir e fazer um filho em ti.

Bianca se vira para Emerson.

EMERSON - Casar contigo e ter um filho contigo.

BIANCA - Não faz isso.

EMERSON - E te amar, te amar e te amar.

Bianca corre até Emerson e eles se beijam. Emerson cai por cima de Bianca no sofá.

Emerson tenta tirar a roupa de Bianca. Bianca se desvencilha de Emerson. Bianca vai até a entrada. Emerson se levanta frustrado.

BIANCA - Tá tudo errado, tudo virado. Vai embora. Eu prometo que eu te ligo. Mas vai.

Emerson fica imóvel.

BIANCA (*abre a porta do apartamento*) - Tchau. Eu te ligo.

Emerson sai apressado. Bianca fecha a porta. Bianca escorrega lentamente até o chão com as costas apoiadas na porta. Bianca chora.

14

Quinta-feira. 16:00.

Praça de alimentação de um shopping-center. Guilherme está sentado a uma das mesas escrevendo. Vários papéis espalhados desordenadamente sobre a mesa. Guilherme se joga para trás na cadeira. Guilherme passa as duas mãos pelos cabelos e prende uma na outra sobre a nuca. Bianca se aproxima ao longe. Guilherme vê Bianca e sorri. Bianca chega na mesa.

BIANCA - Olha só quem tá aqui.

GUILHERME - Será que estamos atrás da mesma pessoa?

BIANCA (*incomodada*) - Como assim?

Guilherme puxa uma cadeira para Bianca.

BIANCA (*sentando-se*) - Que gentil. O seu namorado deve gostar disso também.

GUILHERME - Ah, mas isso eu só faço para uma mulher.

Bianca fica um pouco perplexa. Guilherme recolhe os papéis.

BIANCA - Não precisa.

GUILHERME - Claro que precisa. Eu sou o coadjuvante da história, os papéis principais são de vocês.

BIANCA - Tu tava falando do João?

Guilherme assente com a cabeça.

GUILHERME - Tô tri inspirado. Não paro de escrever.

BIANCA (*chateada*) - Eu nunca mais encontrei ele.

GUILHERME (*decepcionado, com papéis na mão*) - Ah, não?

BIANCA - Não.

Curta pausa. Guilherme encara Bianca.

BIANCA (*olhando para as lojas*) - Eu preciso beber alguma coisa.

GUILHERME - Então tu não tá sabendo de nada?

BIANCA (*preocupada*) - Sabendo?

GUILHERME - Eu achei que vocês dois estavam juntos, pelo menos foi o que pareceu desde a última vez que nós três nos encontramos.

BIANCA (*um pouco agitada*) - Ele te disse isso? Que a gente tá junto?

GUILHERME - Eu também não falei mais com ele desde aquele dia. Ele desligou o telefone dele.

BIANCA - Desligou o telefone?

GUILHERME (*rindo*) - Mas vocês dois na minha história ficam juntos!

BIANCA - O que foi que aconteceu com o João? Eu achei estranho ele não ter vindo mais aqui, porque a gente nem se trocou telefone, e esse é o único lugar que a gente poderia se encontrar. Eu não sei onde ele mora, ele não sabe onde eu moro...Guilherme, pelo amor de Deus...

Bianca vê João se aproximando ao longe. Guilherme se vira e vê João ao longe. Guilherme se vira para Bianca.

GUILHERME - Eu vou deixar ele contar. Da boca dele.

João chega na mesa. João e Bianca se olham com vergonha. João estende a mão para Guilherme.

GUILHERME - Faz três dias que eu venho aqui na esperança de te encontrar.

JOÃO - Era só ter ido na minha casa.

João olha para Bianca.

BIANCA (*levantando-se*) - Eu vou pegar uma água pra mim. Querem que eu traga alguma coisa?

João sacode a cabeça negativamente.

GUILHERME - Uma coca, pode ser.

Bianca sai. João se senta.

JOÃO - Ela já sabe?

GUILHERME - Não consegui contar.

JOÃO - Melhor.

João acompanha Bianca com o olhar.

GUILHERME - Ela tava preocupada contigo. Disse que tu não tinha mais aparecido.

JOÃO - Disse?

GUILHERME (*remexendo nos seus papéis*) - Eu fiz uma cópia do que eu escrevi até agora, eu queria que tu desse uma lida e me ligasse dizendo o que achou. (*Olhando para João*) mas antes liga de volta aquela joça do teu telefone.

Bianca volta com as bebidas.

GUILHERME (*para Bianca*) - Se o cara mandou cortar o telefone, imagina o que ele deve fazer com quem vai ate a casa dele. (*Toma a coca-cola*) Obrigado. Deve soltar os cachorros.

JOÃO - Eu moro num apartamento. Não acho legal ter cachorro em apartamento.

BIANCA - Que engraçado. Eu vivia brigando com o Emerson por causa disso, ele queria ter um fila, que um amigo dele tava dando, e eu insistia que não é legal ter cachorro em apartamento.

JOÃO - Pobre do bicho. Não tem espaço pra s mexer.

BIANCA - Ainda mais um fila!

JOÃO - E as necessidades?

BIANCA - Sim, porque quem ia ter que levar o cachorro pra fazer cocô era eu, né?

JOÃO - Tu também mora num apartamento?

BIANCA - Hu-hum.

Guilherme esconde sua risada. João e Bianca olham para Guilherme. João e Bianca se olham. Bianca desvia o olhar e bebe da sua água.

GUILEHRME - Ò, tá aqui. Não demora muito. Tô quase acabando. (*Se levanta*) Mas tô disposto a fazer alterações. Por enquanto é tudo provisório.

JOÃO (*pensativo*) - Tudo provisório.

GUILHERME - Olha, eu adoraria conversar com vocês sobre a minha história, mas vocês não vão acreditar, a minha irmã tá com um problema de infiltração no teto do apartamento dela e eu vou levar aquele encanador que tinha ido lá em casa pra dar uma olhada. Eu me presto.

JOÃO - O Wagner é uma figura.

BIANCA - O encanador que foi lá em casa também se chama Wagner.

GUILHERME - E ademais, o existencialista tem que ficar do lado de fora das vitrines. Vou nessa. Tchau.

Guilherme sai.

BIANCA - Deve ser o mesmo. É muita coincidência.

JOÃO - São muitas as coincidências.

BIANCA - Como é que tu conseguiu ele?

JOÃO - História comprida.

BIANCA - Tu sabe o que ele aprontou comigo?

JOÃO - O que?

BIANCA - Me deu o número de telefone de um cliente dele que ele disse que faria muito bem pra mim.

JOÃO - O desgraçado fez a mesma coisa contigo então?

BIANCA - Ele fez contigo?

JOÃO - Hu-hum.

BIANCA - Que loucura isso!

JOÃO - Eu te devo uma explicação.

Curta pausa.

JOÃO - Eu tentei me matar.

Bianca fica atônita. Bianca bebe água. Bianca olha nos olhos de João.

JOÃO - Foi por isso que eu não apareci mais.

Curta pausa.

JOÃO - Mas eu tomei coragem e vim aqui hoje pra te dizer isso e pra te dizer que eu ...
(*procurando a frase certa*) que há muito tempo eu não sentia nada parecido com o que eu tô sentindo por ti.

BIANCA (*enrubesce*) - Eu também.

JOÃO - Me desculpa.

Curta pausa. João bebe da água de Bianca.

BIANCA - Mas por que?

JOÃO - Eu tava numa merda. Achava que não tinha mais como sair.

BIANCA - Por que não me procurou?

JOÃO - Foi no domingo.

BIANCA - Logo no domingo...

JOÃO - Eu não tenho teu endereço, eu não tenho o teu telefone, eu nem sei quem tu é direito...

BIANCA - A mesma sensação que eu tenho.

JOÃO - ...e apesar disso...

BIANCA - ...e apesar disso a gente se entende com um olhar.

JOÃO - ...só com um olhar.

Curta pausa. Bianca e João estendem a mão para pegar o copo ao mesmo tempo.

BIANCA - Eu vou buscar mais.

JOÃO - Não. Não sai daqui agora, por nada desse mundo.

BIANCA - Meu namorado me procurou.

JOÃO - Não faz mal.

BIANCA - Quer casar comigo.

JOÃO - Nada vai conseguir nos afastar nesse momento.

BIANCA - Eu tenho medo.

JOÃO - Eu renasci, tu entende o que é isso? Ver a morte na tua frente e dar a volta por cima?

BIANCA - Isso tudo só tá me confundindo. É um lodo, uma areia movediça que vai paralisando a minha mente.

JOÃO - Vamos arriscar. Eu sei que tu também quer.

BIANCA - É o que eu mais quero. Eu não sei se eu devo. Se eu posso.

JOÃO - A gente nunca pode nada.

BIANCA - Eu quero te beijar.

JOÃO (*segura a mão dela*) - Eu não sei depois, mas eu sei agora.

BIANCA - A gente já tinha que estar junto. O Guilherme disse. Será que a gente perdeu alguma coisa?

JOÃO - Perdeu nada. Tu e eu.

Bianca bebe a água com a mão esquerda sobre a mão direita que está sendo segurada por João. Bianca beija João.

JOÃO - Desmarca a tua agenda.

BIANCA - Eu não posso fazer isso. A gente nem brincou de quantos minutos hoje. Tem uma cliente pra daqui a (*procura um relógio dentro de uma loja*) seis minutos.

JOÃO - Exploda-se a cliente.

BIANCA - Eu vou ir pro olho da rua.

JOÃO - Eu te sustento.

BIANCA - Isso não é agora, isso é depois.

JOÃO - Depois, agora, tudo junto, misturado, vem, quer que eu te espere em algum lugar, é isso?

BIANCA - Eu quero um pouco mais de ponderação.

João se refaz. Bianca passa a mão no cabelo dele.

BIANCA - Isso é louco, o que tá acontecendo entre nós é muito singular, a gente não pode pirar.

João junta as mãos e leva à boca.

BIANCA - João.

JOÃO - Tá tudo bem, fica tranqüila. Eu não vou tentar de novo. Eu vou pegar um ônibus bem comportado, ficar olhando pela janela pra ver o avanço das indústrias, os novos prédios rasgando a silhueta da cidade e o sol se deitando no rio alaranjado.

BIANCA - Motel dos cisnes.

João olha para Bianca.

BIANCA - Procura o endereço no guia.

Bianca se levanta.

BIANCA - Amanhã. Sexta-feira. Nove e meia da noite.

Bianca bebe a água.

BIANCA - A mulher deve estar subindo nas tamancas. Te vejo lá.

Bianca sai correndo. João olha para o copo. João sacode o copo para verificar o conteúdo. João derrama a água lentamente por sobre os papéis na mesa.

15

Sexta-feira. 07:15.

Quarto de dormir do apartamento de João. Penumbra. João está dormindo. A campainha toca. João acorda de sobressalto e se senta na borda da cama. Pega o relógio da mesa de cabeceira e olha as horas. Boceja. Levanta-se e sai do quarto com o relógio na mão.

Ouve-se uma porta sendo aberta.

VOZ DE JOÃO - Eu tinha me esquecido.

João entra no quarto e acende a luz. João se senta na cama. Wagner, embaraçado, aparece na soleira da porta. João olha para Wagner.

JOÃO - Já que tá aqui, mãos à obra.

WAGNER - Hoje é o seu primeiro dia de trabalho depois da licença.

JOÃO (*estranhando*) - E como é que tu sabe disso?

WAGNER - A dona Glória me comentou.

JOÃO - Ah.

João coça a cabeça. João olha para o relógio na sua mão.

WAGNER - Quem cedo madruga, deus ajuda.

JOÃO - E ele te ajudou por acaso?

Curta pausa.

JOÃO - Tá, desculpa. Não é mole ser acordado a essa hora da manhã. (*Levanta-se e vai até o armário*) Quando tu terminar é só bater a porta. Hoje eu não (*boceja*) vou estar aí.

WAGNER - O senhor já melhorou, não melhorou?

JOÃO (*virando-se para Wagner*) - Wagner, a gente não *melhora* duma coisa dessas.

WAGNER - A dona Glória tá ansiosa pra te ver.

JOÃO - Ah, é? Achei que tava querendo me dar uma facada pelas costas, isso sim.

WAGNER - Ela não é uma mulher de fazer esse tipo e coisa. Se fosse dar uma facada, ela daria de frente.

João vira-se para Wagner.

JOÃO - Quanta morbidez pruma sexta-feira.

Curta pausa.

WAGNER - Com licença.

Wagner sai. João tira o pijama e fica de cuecas. Tira um terno de cor escura do armário e fica examinando o estado dele. Wagner aparece na soleira da porta.

JOÃO - Porra, mas tu não me deixa nem eu me vestir?

WAGNER - Eu só vim lhe perguntar se o senhor ligou pra aquela moça que eu lhe dei o telefone.

João veste uma camisa branca de manga comprida.

JOÃO - Falando nisso, me diz uma coisa, tu faz isso com todos os teus clientes?

WAGNER - Isso o que

JOÃO - Fica distribuindo os telefones de uns pros outros?

WAGNER - Claro que não. Só para alguns. Os que eu acho que precisam. Os que merecem.

JOÃO - Pois fique sabendo, senhor hidráulico, que eu já conheci uma mulher muito legal, e que hoje, depois do serviço, eu vou me encontrar ela e a gente vai passar a noite toda trepando num motel.

Curta pausa. João se senta na cama de costas para Wagner e veste meias pretas e a calça do terno.

WAGNER (*um pouco decepcionado*) - Não tinha necessidade disso. Tomara que seja a pessoa certa.

JOÃO - Como assim pessoa certa?

WAGNER - Uma mulher não é uma buceta.

João se empertiga na cama de costas para Wagner.

WAGNER - É uma companheira, é a mãe dos teus filhos, é aquela que reparte a mesma cama contigo.

Wagner sai. João se vira e não vê Wagner. João se vira de costas para a porta. João calça os sapatos sentado.

JOÃO - É só o que me faltava: o encanador para todo o serviço, me acorda e me dá um sermão sobre a minha desnecessidade de ser feliz.

Wagner entra no quarto com um cisne de borracha na mão. João se levanta e vê o cisne.

JOÃO - O que é isso?

WAGNER - Um presente. Eu queria deixar aqui.

JOÃO - O que é que eu vou fazer com isso?

WAGNER - Talvez o senhor não entenda o que as pessoas fazem pelo senhor.

JOÃO - Tá me chamando de burro?

WAGNER - Ela não é a mulher certa.

JOÃO - Wagner, vai fazer o teu trabalho.

João tenta passar pela porta do quarto, Wagner impede. João não entende.

JOÃO - O que tu quer de mim, cara?

WAGNER (*alcançando o cisne*) - Fica com o cisne.

JOÃO - Isso tudo é grego. Foi a Glória que te mandou aqui pra infernizar a minha vida?

Foi o louco do Davi? Quem foi? Do nada tua loucura não pode ter surgido.

WAGNER - Eu quero ajudar as pessoas.

JOÃO - Isso é uma paranóia. Ajuda a ti mesmo que tu já vai estar fazendo muita coisa.

João tenta sair do quarto e Wagner impede. João faz força contra Wagner com o ombro. Wagner empurra João. João cai na cama.

JOÃO - Vai me matar?

Wagner encara João.

JOÃO - Escolheu a pessoa errada. Não tenho dinheiro. Acabei de tentar me matar, e não consegui. Tu acha que tu consegue?

WAGNER - Tu vale muito mais do que isso. Tu tem um futuro em branco pela afrente pra escrever o que tu quiser.

JOÃO - Tu é viado, é isso que tu tá querendo me dizer?

Wagner dá um soco em João. João, com a mão no rosto, olha assustado para Wagner.

WAGNER - A roda gira só prum lado. Ninguém tem força de mudar a direção dela. Bem que a gente tenta, mas não consegue. Já tinha que ter aprendido há muito tempo

com o rio que a corrente segue pro mar, e só pro mar. Se não quer ficar com o cisne, não fica.

JOÃO (*cauteloso*) - Eu vou falar com a Glória. Vai ser bom pra ti. Ela fez muito mal em te liberar, tu precisa de um parecer médico, a tua cabeça não tá legal. Quem sabe tu vem comigo lá no presídio e a gente...

WAGNER - Tu sabe que eu não preciso disso e entende cada palavra do meu discurso. Quem segura um relógio na mão tá atrás da vida e não do fogo fátuo do irrisório. Do efêmero.

JOÃO - A vida é efêmera, Wagner, ela é provisória.

WAGNER - Mas a gente não aceita isso e prefere que tudo seja para sempre. Então para de te iludir e te levanta dessa tumba de plástico, desse lodo seco. Quando a gente realmente...

Curta pausa. Wagner baixa a cabeça.

WAGNER - ...o ser humano por natureza...está ligado aos outros seres humanos...e isso ninguém tira de nós...o sentimento que atrai...a pele que arrepia...o desejo de exterminar a dor, ou aqueles que nos...

Curta pausa. Wagner vai até a janela. Wagner abre-a com força.

WAGNER (*de costas*) - Anda. O sol já tá batendo nos prédios, é hora de ir pro trabalho. Vai, recomeça.

João pega o terno na mão e sai de costas impressionado com o comportamento de Wagner. Ouve-se uma porta sendo fechada.

WAGNER (*olhando pra fora da janela*) - E pode ficar tranqüilo que quando eu terminar o meu serviço, eu bato a porta.

16

Sexta-feira. 17:30.

Salão de beleza. Glória está sentada com uma toalha nos ombros e com o cabelo preso por vários prendedores. O cabelo está recém pintado de ruivo. Bianca está sentada num banquinho baixo em frente a Glória. Bianca arruma as unhas da mão de Glória.

GLÓRIA - Que nada.

BIANCA - Mas nem um buquêzinho de vez em quando?

GLÓRIA (*suspirando de desprezo*) - Ele nem sequer se lembrava do dia do meu aniversário.

BIANCA - É. Os homens são muito desligados dessas coisas.

GLÓRIA - Olha, agora que eu tô separada eu consigo ver melhor como a gente é boba, achando que precisa sempre ter um do nosso lado.

Bianca ergue o olhar até Glória e para de arrumar as unhas dela.

GLÓRIA (*com malícia*) - Eu, agora, só tenho quando preciso.

BIANCA (*um pouco chocada, olhando para os lados, sussurrando*) - E como é que a senhora...

GLÓRIA (*examinando as unhas*) - Eu tenho os meus meios. (*Olhando para Bianca*)
Afinal eu sou uma mulher importante.

Bianca retoma o seu trabalho encabulada.

GLÓRIA - E tu?

BIANCA (*sem jeito*) - Eu penso um pouquinho diferente da senhora.

GLÓRIA - Eu não estou interessada no que tu pensa, eu quero saber de ti. Já fiquei sabendo pela Jacira que o teu enfermeiro te deu um chute na bunda.

Bianca encara Glória séria.

GLÓRIA - Homem é tudo a mesma merda, quando tá conveniente pra eles, vão ficando, quando arranjam uma sirigaita na rua, caem fora bem ligeirinho. (*Em voz baixa para si mesma*) Eu tenho certeza que o Guilherme se enrabichou com alguma puta por aí. (*Para Bianca*) Me conta como é que foi.

BIANCA - Ele quer voltar.

GLÓRIA - Voltar? Nem pensar!

Curta pausa.

GLÓRIA - Ele é bonitão?

Bianca assente com a cabeça.

GLÓRIA - E o que mais vale a pena nele. Traz dinheiro pra casa, te dá dinheiro? Fica contigo de noite em vez de sair com os amigos? Te leva em restaurante? Restaurante bom, né .

BIANCA - Ele é um cara legal.

GLÓRIA - Então por que se mandou te deixando com uma mão na frente e outra atrás?

BIANCA (*contrariada*) - Eu não fiquei com uma mão na frente e outra atrás. Quem disse isso? Só pode ter sido aquela bocuda da Jacira. O que mais ela contou?

GLÓRIA - Que tu já arranjou um outro cara e que ele ficou furioso.

Bianca fica indignada.

GLÓRIA - Ele ganha bem?

BIANCA - Quem?

GLÓRIA - O enfermeiro, é claro. Por que, o outro existe mesmo?

BIANCA - Existe. Ganha mais ou menos.

GLÓRIA - E ele é bonito? Ganha quanto, o enfermeiro?

BIANCA - Faz pouco que eu conheci ele. Ganha o suficiente.

GLÓRIA - A tua boca treme quando tu fala dele. Quando tu fala do enfermeiro, não. Suficiente é muito pouco. Vou te dar um conselho.

Bianca ergue a cabeça curiosa.

GLÓRIA (*sussurrando*) - Volta pro enfermeiro.

BIANCA - Mas a senhora acabou de dizer que a minha boca treme...

GLÓRIA - Vou te ensinar uma coisa: quando a gente tá caídaça por um cara, a gente só se dá mal, porque eles fazem o que bem entendem com a gente, e a gente só vai perceber quinhentos anos mais tarde. Volta pro enfermeiro, volta.

BIANCA - Eu acabei ficando tão confusa...

GLÓRIA - Que é isso menina. Esse cara novo aí não te dá segurança nenhuma. Deve ser do tipo que te leva prum motel e depois desaparece.

Bianca ergue a cabeça preocupada.

GLÓRIA - O enfermeiro não deve ser a oitava maravilha do mundo, mas nenhum deles é, sempre tem algumas coisas faltando. Se a pica é de ouro, a carteira tá vazia. Se têm dinheiro, tem outra mulher com duas crianças penduradas esperando por eles em algum lugar. Tu é muito nova. A vida vai te ensinar. Mas se quiser ouvir o meu conselho...

BIANCA (*com lágrimas nos olhos*) - Eu ia...eu vou sair hoje de noite com o ... com cara novo.

GLÓRIA - Não! Não vai, é furada, ainda mais numa sexta-feira. Tudo na sexta-feira tem um sabor diferente. Sabor de morango, de pecado.

BIANCA (*lembrando -se*) - De morango...eu gosto tanto de morango...

GLÓRIA - Li isso em algum lugar, nem sei mais aonde, acho que foi até aqui, morango é a fruta do sexo, do pecado. Terminou as mãos?

BIANCA - Quase.

GLÓRIA - Tá muito lenta hoje, menina.

BIANCA - Desculpa.

GLÓRIA - Ficou encucada com o que eu disse, né? Mas eu tenho razão, eu sempre tenho razão. O dia que tu ficar sozinha, tu vai ver como é bom. Eles vem correndo. Mulher sozinha é mais apetitosa pra eles.

BIANCA - Mas o João não sabia que eu tava sozinha...

GLÓRIA - Se soubesse teria vindo mais rápido.

BIANCA (*desanimada*) - ...sabia, sim.

GLÓRIA - Viu! É um aproveitador, só pode ser, sabendo que tu tá só e desamparada. João, nome bagaceiro, meu assessor é João também, um pobre coitado. E tu deve ter contado que foi largada pelo enfermeiro.

Bianca assente com a cabeça envergonhada.

GLÓRIA - Homem só serve pro sexo.

BIANCA (*ensimesmada*) - Eu não posso acreditar que ele só se interessou por mim porque eu...

GLÓRIA - Esquece esse cara, Bianca. Faz meu pé agora. Tu não tá sendo paga pra ficar se lamuriando dos teus namoradinhos.

Bianca pega um pé de Glória na mão.

BIANCA (*inconformada*) - Ele me pareceu tão ...especial.

GLÓRIA - Vamos, menina, não tenho a tarde inteira. (*Com malícia*) Eu preciso ficar soberba hoje à noite. Ele ficou dois dias fora.

BIANCA - Não, não pode ser.

GLÓRIA - Só de imaginar aquele tórax peludo, músculo pra tudo que é lado...

BIANCA - A mesma cor do esmalte?

GLÓRIA - Claro! Vou pintar o pé de uma cor e a mão de outra?

BIANCA (*em voz baixa*) - Desculpa.

GLÓRIA - Comprei uma lingerie cor-de-vinho.

BIANCA - Até aqui tudo parecia ser um sonho.

GLÓRIA (*pensativa*) - Será que esse homem tá me aprisionando? Não, eu não posso ficar dependente dum reles...ai!

BIANCA - O que é que eu faço agora?

GLÓRIA - Menina, eu vou reclamar do jeito que tu tratando do meu pé!

Bianca retoma o trabalho cabisbaixa e concentrada.

GLÓRIA - Chega de se atormentar. Tu é muito nova pra isso. Eles não merecem. Chegou a nossa hora de tratarmos eles como objetos. Objetos de prazer. Faz o seguinte. Liga pro tal enfermeiro e espera ele com uma janta bem romântica, à luz de velas. Se aconchega nele, arranha as costas dele, todo homem gosta de um arranhão nas costas, não esquece disso. Abre um vinho tinto, um bordô...bordô deve ser caro

pra ti, pode ser um chileno ou um argentino então. Usa uma louça bem transparente, no meio da janta mergulha o dedo no vinho e chupa o teu dedo, mas não uma vez, várias vezes. Passa o dedo entre os teus seios, vê se me usa uma blusa bem decotada, por favor, hein? Cabelo solto. Não. Prende. No meio da conversa, pára tudo e solta o cabelo. E pinta as unhas de vermelho. Vermelho forte. O cabelo de uma mulher sexy deve estar sempre solto, e comprido.

BIANCA - O outro pé.

GLÓRIA (*ri satisfeita*) - Tô gostando de ver. Tá se aprumando. Já deve ter até se esquecido do outro cara. Bem típico convidar pra ir prum motel, e me espanto de tu ter aceitado. Também, coitadinha, jogada fora feito um saco de lixo, tava desesperada atrás de alguém. Mas este é que é o segredo: nunca mostrar o teu desespero. Manter a classe, sempre. Eu sei que é barra ser traída, mas até onde eu entendi o enfermeiro não tinha outra, tinha? Me parece ser um bom rapaz, a Jacira me falou muito bem dele. Cá pra nós, acho que andou até arrastando uma asinha pro lado dele. Meio putinha essa tua colega, tu não acha? Tão vulgar o jeito dela falar dos homens, eu me horrorizo. De onde é que vem essa criatura, hein? deve ser do Jardim Leopoldina. Da Restinga. Credo. Eu tinha uma faxineira que morava em Alvorada. Tive que dar um desodorante de presente pra mulher. Mas pobre é pobre, né? Que cara é essa, menina, levanta esse astral, ânimo, vamos. Terminou?

BIANCA - Sim.

GLÓRIA - O enfermeiro vai sumir de novo se tu continuar com essa cara de funeral. Levanta desse banquinho e te manda pra casa. Até que hora tu ficas hoje?

BIANCA - Seis.

GLÓRIA - Eu sou a última cliente?

Bianca assente com a cabeça.

GLÓRIA - Então! Te manda. Prepara o que ele gosta de comer, tu sabe muito bem o que ele gosta de comer, não sabe? E não esquece do vinho. Pode ir que eu fico bem aqui. A Jacira cuida de mim. (*Gritando*) Jacira, tu cuida de mim, não cuida? (*Para Bianca*) Viu, ela cuida. Vai, não perde esse homem! Vai que ainda dá tempo!

Bianca hesita.

GLÓRIA - Toma uma água com açúcar que te acalma.

BIANCA (*confusa*) - Água?

GLÓRIA (*dando um leve empurrão em Bianca*) - Tudo de bom pra ti, minha florzinha!

Bianca olha tonta para Glória e sai. Glória examina as unhas dos pés.

GLÓRIA - Jacira, meu amor, vem aqui retocar, que a tua amiga não tá muito bem hoje.

Glória pega uma revista ao lado dela e folheia lambendo o dedo a cada página.

17

Sexta-feira. 21:00.

Apartamento de Bianca. Noite. Uma garrafa de vinho tinto na mesinha de centro.

Bianca está apoiada no parapeito da janela olhando para fora. Ouve-se quase imperceptivelmente um trecho da ópera Lohengrin. Bianca seca as lágrimas com a mão. A campainha toca. Bianca apoia as mãos no parapeito, estica a coluna e respira fundo. A campainha toca. Bianca vai sem pressa até a porta. Bianca abre a porta cabisbaixa. Emerson olha para Bianca. Bianca faz um sinal para Emerson entrar.

Emerson entra. Bianca fecha a porta. Bianca se senta no sofá. Emerson passa o olhar pela sala. Emerson percebe a música do andar superior. Bianca pega a garrafa de vinho e se vira para Emerson.

BIANCA - Tu abre pra nós?

EMERSON - Claro, abro sim.

Emerson vai até a mesinha, pega o saca-rolha, se agacha, pega a garrafa de Bianca e tenta abrir sem sucesso. Emerson olha encabulado para Bianca. Bianca tenta esconder a risada. Emerson faz força para abrir. Emerson tenta abrir a garrafa de pé.

EMERSON - Que vinho é esse, meu Deus do céu?

BIANCA (*escondendo a risada*) - Quem sabe eu tento?

EMERSON - Não, senhora.

Emerson tenta novamente sem sucesso.

BIANCA - Quem sabe a gente abre um outro?

Emerson discorda com a cabeça. Curta pausa.

BIANCA - Eu voltei a rir, sabia? Pela primeira vez.

EMERSON - Eu acho que o problema tá no saca-rolha, tem outro?

BIANCA - Desiste disso. Eu acho que tu não veio aqui pra ficar tentando abrir uma garrafa de vinho a noite toda.

Emerson olha para Bianca com a garrafa na mão. O telefone toca. Bianca enrijece sentada no sofá. Bianca olha para Emerson. Curta pausa.

EMERSON - Desistiu.

BIANCA - Desistiu?

EMERSON (*largando a garrafa na mesa*) – É, desligou.

BIANCA - Ah...

EMERSON (*sentando-se numa cadeira em diagonal a Bianca*) - Pronto. Desisti.

BIANCA - Chega uma hora que todos desistem. Vocês todos.

Emerson tenta entender a frase de Bianca.

BIANCA - Eu queria conversar contigo, foi por isso que eu liguei.

EMERSON - Foi muita sorte, porque eu já tava saindo pra beber uma cerveja com o pessoal lá do hospital. O Gérson, o Romeu e o Lucas. O pessoal do futebol.

BIANCA - Sorte...

EMERSON - E daí aconteceu uma coisa muito estranha, muito estranha mesmo. Eu tava passando pela ponte do dilúvio e tinha um menino com uma mesinha fajuta de madeira. O guri tava vendendo umas coisas que ele tinha pescado do arroio. Olha só a idéia do guri. E o incrível é que tinha um monte de gente bisbilhotando. Tudo coisa velha, mas é o inusitado que atraía aquele pessoal. E eu passei bem na hora que o sol tava se pondo, e por isso os objetos refletiam aquela luz de fim de tarde, sabe?

Bianca assente com a cabeça.

EMERSON - Mas aí me bateu a curiosidade e eu fui abrindo espaço entre as pessoas e olha só o que eu achei.

Emerson tira do bolso do casaco o cisne de borracha de Bianca. Emerson alcança o cisne para Bianca. Bianca hesita em pegar o cisne.

EMERSON - Não precisa ter nojo, tá limpinho. Eu examinei. O guri não ia vender nada com cocô, né. Ele só tá meio avermelhado, porque o guri disse que tava todo sujo de sangue.

BIANCA - Sangue?

EMERSON - É. Sangue. É o teu, não é?

Bianca pega o cisne, examina-o e chora. Emerson se agita na cadeira. Emerson faz menção de tirar o cisne da mão de Bianca. Emerson vai até a janela.

EMERSON - Esse velho não para nunca de tocar essa ópera, hein?

Bianca chora convulsivamente. Emerson vai até atrás do sofá e faz menção de tocar em Bianca. Bianca se recompõe e enxuga as lágrimas com a mão.

EMERSON - Quem sabe eu...levo embora esse pato?

BIANCA - É um cisne, Emerson.

EMERSON - Mesmo? Eu sempre achei que fosse um pato.

Curta pausa.

BIANCA - Como é que eu posso ter certeza que tu nunca mais vai querer ir embora de novo?

Emerson se surpreende com a mudança repentina de assunto.

BIANCA - Eu preciso ter alguma certeza.

EMERSON (*sentando-se ao lado de Bianca, um pouco eufórico*) - Eu nunca mais vou fazer isso.

Bianca olha nos olhos de Emerson.

BIANCA - Eu nunca vou ter certeza de nada.

EMERSON - Eu tô te dizendo.

BIANCA - Eu nunca vou ter certeza de nada, mas mesmo assim eu quero tentar.

EMERSON (*rindo*) - Mesmo?

BIANCA (*largando o cisne na mesinha de centro e pegando a garrafa de vinho e o saca-rolha*) - Mesmo.

EMERSON (*levantando-se, anda de um lado pro outro*) - E quando é que eu vou poder voltar?

BIANCA (*olhando para Emerson*) - Em algum momento tu chegou a pensar que eu fosse te querer de volta?

Emerson assente com a cabeça. Bianca abre a garrafa de vinho.

EMERSON - Parabéns!

Bianca serve os dois copos de vinho. Bianca se recosta no sofá, olhando para o cisne, pensativa.

EMERSON (*pegando um dos copos*) - Eu achei que tu nunca mais fosse me perdoar.

Emerson vai até a janela.

BIANCA (*mexendo os lábios, inaudível*) - Eu nunca vou te perdoar.

EMERSON - Mas pelo jeito eu tava enganado. Eu queria berrar pra toda essa tua vizinhança, pra dizer pra eles o quanto eu te amo.

O relógio de Emerson assinala nove horas. Emerson vai até Bianca, hesita em sentar-se ao lado dela e se senta na cadeira.

EMERSON - E o teu vinho?

BIANCA (*desatenta*) - Ah, é.

Curta pausa.

EMERSON (*sério*) - Bianca.

BIANCA (*se fazendo de desentendida*) - Que?

EMERSON - Eu tô te achando...

BIANCA - Eu preparei um quiche pra nós, receita nova.

EMERSON (*um pouco irritado*) - Bianca.

BIANCA - O que, Emerson, eu te aceitei de volta, não aceitei? Não tá bom assim pra ti? Pra mim tá, vamos comer então?

EMERSON - Tu não tá animada com esse nosso recomeço.

BIANCA - Vamos parar por aqui? É melhor, agora que tá tudo bem entre nós.

EMERSON - Não. Tem alguma coisa por trás. Dá pra ver na tua cara. Tu não é mais a mesma da semana passada quando gritava pelo apartamento me impedindo de ir embora.

BIANCA - Tu queria que eu ficasse fazendo o que, arrumando a tua mala? Chorando no banheiro?

EMERSON - Agora, sim, essa é a minha Bianca.

BIANCA - Pra que isso, pra quer estragar nosso encontro?

EMERSON - Porque eu quero aquela Bianca de volta.

BIANCA - Ninguém permanece igual, Emerson, tem gente que em uma semana apenas muda completamente.

EMERSON - Como tu, por exemplo?

A música no andar superior aumenta de volume gradativamente.

BIANCA - Como qualquer pessoa que queira mudar sua vida, crescer, melhorar...

EMERSON - Foi o tal carinha, não foi?

BIANCA - Que carinha?

EMERSON - Tu tá namorando ele, não tá?

BIANCA (*indo pra cozinha*) - Que idéia! (*Voltando*) É só nisso que tu pensa, não é? Eu não duvidei de ti quando tu falou que ia beber uma cerveja com os teus amigos.

EMERSON - Tu ia sair com ele. Tu ia trepar com ele.

BIANCA (*mordendo os lábios, tentando se controlar*) - Emerson...

EMERSON (*levantando-se*) - Eu não quero voltar pra cá, não quero dividir minha mulher com outro.

BIANCA (*gritando furiosa*) - Ia, ia trepar sim. Mas eu deixei de trepar com ele pra ficar aqui contigo, porque eu achava que seria mais feliz contigo do que com ele, apesar de ter sido abandonada há uma semana atrás por um motivo tão sério que uma semana depois tu reaparece, negando tudo o que tu sempre acreditou. E eu, eu fico pensando o que, hein? Me diz, me diz!

Emerson baixa a cabeça.

BIANCA (*chorando de raiva*) - Você diz que vem pra ficar comigo, pra me pegar no colo e acaba mijando no meu penico. E ainda por cima me traz um cisne sujo de sangue!

Bianca pega o cisne e joga pela janela. O som da música no andar superior agora é ensurdecedor. Bianca corre até a janela.

BIANCA - Desliga essa merda! Não dá pra dar um tempo, hein? Eu não agüento mais essa música, sempre essa mesma música, não tem uma outra não, vizinho?

Emerson tenta afastar Bianca da janela.

BIANCA (*desvencilhando-se de Emerson*) - E tu me solta!

EMERSON - Te acalma.

BIANCA - Que calma, nada, eu podia estar numa boa com o João, e decidi ficar contigo, segui a cartilha daquela megera do cabelo vermelho, vinho chileno e comidinha gostosa, e pra que, pra quê? Pra ser chamada de puta!

O telefone toca. Bianca fica olhando para o telefone.

EMERSON - Então vai, é a tua grande chance. O grande momento de tomar a decisão certa.

O telefone toca. Bianca olha indecisa para Emerson. Emerson se aproxima de Bianca.

O telefone toca. Emerson beija Bianca com força. Bianca resiste um pouco. Bianca retribui o beijo. O telefone toca. Emerson cai por cima de Bianca no sofá. Os dois se beijam com ardor. Bianca empurra Emerson. Emerson cai no chão.

BIANCA (*sai correndo*) - O quiche tá queimando!

EMERSON (*segura na ponta da blusa de Bianca e vai cambaleando atrás dela*) - Eu vou te pegar. Não adianta te fazer de difícil.

Ouve-se uma disputa corporal. Bianca geme. Uma porta de forno é aberta e fechada com força.

VOZ DE BIANCA - A pia tá imunda!

VOZ DE EMERSON - Então no chão.

Ouve-se um copo caindo dentro da pia e quebrando. Ouve-se os dois corpos se deitando no chão.

VOZ DE BIANCA - Eu te...quero...assim mesmo...

VOZ DE EMERSON - Psst. Quietinha.

VOZ DE BIANCA - ...mesmo...mes...mo...

18

Sábado. 12:30.

Quarto de dormir do apartamento de João.

A campainha toca. Ouve-se passos indo abrir a porta.

VOZ DE JOÃO - Acho que tu te enganou.

Curta pausa.

VOZ DE JOÃO - Esqueceu alguma coisa ontem? Tava na torcida que tu nunca mais precisasse vir aqui. Depois do sermão de ontem...espera um pouco que a comida tá queimando.

Wagner entra no quarto e vai até a janela. Wagner baixa a cabeça. João aparece com uma faca e um tomate na mão. João, intrigado, observa Wagner por um tempo.

JOÃO - Eu achei que o serviço tava ok...(percebendo a ausência da maleta de ferramentas de Wagner).

WAGNER - O único lugar que eu ainda tinha que vir era aqui.

João franze as sobrancelhas.

WAGNER - Eu não vou demorar.

Wagner olha para fora da janela.

WAGNER - O dia hoje está lindo, não é mesmo. Perfeito.

JOÃO - Por que *único lugar*?

WAGNER - Porque eu tinha que vim pedir desculpas.

JOÃO (*um pouco nervoso*) - Tu quebrou alguma coisa aqui em casa? Foi isso? Olha que eu nem percebi.

WAGNER - Pedir desculpas por ter me metido na sua vida. Eu sou meio que responsável por ela. Fui que salvei a sua, lembra ainda?

JOÃO - Tudo bem. Acho que ainda nem te agradei.

WAGNER - A gente sempre quer que os outros se dêem bem, quando a gente se dá mal.

JOÃO (*rindo*) - Olha, nem todo mundo. A tua amiga, por exemplo, a juíza, tá louca pra me transferir pruma outra seção, já que demitir ela não pode mesmo.

WAGNER - Eu quero que todo mundo seja feliz.

João observa Wagner. Wagner se senta na cama de João.

WAGNER - Só isso. Que todo mundo seja feliz.

JOÃO - Apesar de achar tudo isso muito esquisito, eu te agradeço.

WAGNER - O senhor é feliz?

JOÃO - Que pergunta difícil prum sábado de manhã, Wagner. Espera aí que eu vou largar esse tomate lá na pia e já volto.

Wagner pega o relógio da mesa de cabeceira na mão. João entra no quarto e vê Wagner com o relógio. Wagner acerta os ponteiros.

JOÃO (*nervoso*) - Tu veio me assaltar?

WAGNER - É feliz, não é?

JOÃO (*incomodado*) - Feliz...eu não entendo porque tu me persegue, me diz pelo amor de Deus, o que tu procura aqui?

WAGNER - Descansar um pouco. Quinze anos dentro duma cela cansa o cara.

JOÃO (*sentando-se na cama ao lado de Wagner*) - Quer pra ti?

WAGNER - Não. Tô só olhando. Não vim roubar nada, fica tranqüilo.

JOÃO (*um pouco aliviado*) - Feliz?

WAGNER - Tava atrasado. Agora tá andando certo.

Wagner coloca o relógio de volta na mesa de cabeceira.

JOÃO (*olhando pra fora da janela*) - No fundo eu acho que eu sou...que coisa mais piegas ... (*olha para Wagner*) sou. Eu sou. Tu sabe que ontem, tu sabia que eu tinha conhecido uma gatinha (*ri consigo mesmo*), gatinha...uma mulher, e a gente tinha combinado de sair. Desde o primeiro dia que eu vi ela, eu senti uma coisa estranha, mas eu não sabia direito o que era. Eu tinha tesão por ela, ela era atraente, não sei dizer se era bonita, mas quando alguém nos interessa, pra nós ela é bonita. Mas eu tava intrigado. A gente sempre se encontrava meio que pro acaso, e nada fluía de uma forma natural. Parecia um jogo entre a gente. Aí, ontem, a gente ficou de se encontrar. E ela não foi. Daí eu acabei indo na festa de aniversário do marido da minha irmã e me diverti pra cacete até às três da matina. E acabei dormindo lá mesmo.

Wagner olha para João.

JOÃO - Antes eu tivesse te ouvido e ligado praquela tua cliente. Tu ainda tem o telefone dela?

WAGNER - Não.

JOÃO - Como são as coisas. A gente conhece uma pessoa, acha que ela vai ser alguma coisa pra ti e a função dela acaba sendo completamente outra. Parece que a gente precisa levar um tapa na cara pra sentir o próprio rosto, sentir que a gente tá vivo. Que a gente existe. Sabe, eu me acordei hoje com uma sensação muito especial. Não sei se tu já sentiu isso, que tu faz parte do mundo e o mundo faz parte de ti, uma alegria que vem do nada...quem sabe essa felicidade que tu tanto insiste.

WAGNER - Então a minha missão tá cumprida.

JOÃO - Hein?

WAGNER - Na verdade eu vim me despedir.

JOÃO - Despedir? Vai pra onde?

WAGNER - Vou voltar prum lugar que é meu.

JOÃO - Voltar? Eu achei que tu era daqui de Porto Alegre. E vai levar as crianças? A Glória não tava te dando uma mão legal com...

WAGNER (*indo para a janela. Procura algo com o olhar na rua.*) - A dona Glória só tava me explorando.

JOÃO - Bom, isso ela faz com todo mundo. Pra te dizer a verdade, eu tava achando estranho essa relação de vocês, esse interesse dela em ti. (*Cauteloso*) Tu sabe quem foi que te condenou?

WAGNER (*olhando para fora da janela*) - E foi ela que me tirou da cadeia, me deu um apartamento, me conseguiu os serviços todos e me obrigava a comer ela todas as noites.

João fica surpreso.

WAGNER - Mas agora tudo isso acabou.

JOÃO - Ela sabe que tu pretende te mandar?

WAGNER - Agora ela não tem como saber mais nada.

João se assusta. Ouve-se o barulho de sirene de polícia se aproximando.

WAGNER - Tá um dia muito lindo mesmo.

Wagner vai até João. João se levanta sem jeito. Wagner dá um abraço em João.

Wagner solta João.

WAGNER - Vou ficar na torcida. Fica tranquilo que tu não vai precisar dizer pra ninguém que o encanador vem e puxa a descarga, com eu dentro. Não quero queimar o teu filme.

Ouve-se o barulho de carros freando.

WAGNER - Vou me encontrar com eles lá embaixo. Coragem.

Wagner sai. Ouve-se um barulho de porta batendo. João vai até a janela e olha para fora, tentando enxergar alguma coisa em vão. João sai apressado do quarto. Ouve-se o barulho de pessoas gritando, portas de carros sendo fechadas e carros arrancando.

19

Sábado. 19:00.

Sala de estar do apartamento de Guilherme. Guilherme está sentado numa poltrona confortável tomando chimarrão. Davi está sentado num sofá olhando para Guilherme.

DAVI - Quanto tempo será que a gente vai durar?

GUILHERME - Até morrer?

DAVI - Não, durar juntos.

GUILHERME - Como é que eu vou saber. Na vida tudo é tão provisório. Olha só tu, vivia brigado com a tua mamilein, renegando a tradição e agora até cabelo de rabino tu deixou crescer!

DAVI (*contrariado*) - O meu cabelo é crespo assim mesmo, por isso que dá essas voltinhas. E eu só tô querendo mudar um pouco esse visual de psiquiatra sisudo que eu venho ostentando há anos. Não tenho culpa se o rabino da nossa comunidade tem cabelo crespo também.

GUILHERME - Faz muito bem. Eu gosto mais.

DAVI - Então tá bom.

Curta pausa. Os dois se olham.

GUILHERME - Xuxu.

DAVI - Teteco.

Davi se joga pra cima de Guilherme e beija-o.

GUILHERME (*erguendo a cuia*) - Olha a cuia, louco. Quer me queimar?

DAVI (*com uma voz dengosa*) - Quero te queimar, te beijar, te...

A campainha toca. Davi salta do colo de Guilherme.

DAVI - E agora, se for a minha mãe (*sussurrando*) onde é que eu me escondo?

GUILHERME (*indo abrir a porta*) - Que paranóia! Como é que ela ia descobrir o meu endereço?

DAVI - Ela segue, me segue o tempo todo, sabe de tudo.

Guilherme espia pelo olho mágico.

GUILHERME - Viu, bobão, é só o João.

DAVI - João?

Guilherme abre a porta. João entra.

GUILHERME - Mas isso é uma honra mui grande.

João e Davi se vêem.

DAVI - João?

JOÃO - Davi?

GUILHERME - Ah, os amigos se conhecem? Melhor, assim dispenso apresentações. Se conhecem daonde, hein? (*Indo sentar-se na poltrona*) Eu achei que tu ia me ligar pra me falar do roteiro, mas ao vivo é bem melhor. (*Senta-se*) Eu não quis insistir ... (*olha para Davi*) ...o Davi achou melhor não insistir.

JOÃO - O Davi sabia que eu...

GUILHERME (*mostra a cuia para João*) - Quer um?

DAVI (*para Guilherme*) - É esse o teu amigo que tentou se matar?

JOÃO (*para Guilherme*) - É esse o teu novo namorado?

GUILHERME - Mas vocês não se conheciam?

DAVI - Sim, mas ele não aparece mais desde...

JOÃO - Eu não fui na sessão dessa semana. Eu não vou ir mais.

DAVI - Não?

JOÃO - Não.

GUILHERME - Ele é que é o teu psiquiatra? (*Rindo*) Não acredito.

JOÃO (*para Guilherme*) - Eu tenho um título pra tua história. E vou aceitar um chimarrão.

Guilherme serve João.

JOÃO - Eu devia ter desconfiado, porque eu não me lembro de ter te contado do meu sonho, e de repente, lendo o teu roteiro eu me deparo com um cara correndo em volta de uma patente vestindo véu e grinalda.

Guilherme esconde um sorriso. João pega a cuia. Davi senta-se do lado de João.

DAVI - Bicha burra nasce homem.

João e Guilherme olham para Davi.

DAVI - Mas é, gente!

JOÃO - Eu tenho algumas ressalvas a fazer.

GUILHERME - Esteja à vontade.

DAVI - Mas tu não pode te dar alta assim no mais.

GUILHERME - Isso vocês conversam lá no consultório.

DAVI - Mas ele disse que não vai ir mais!

JOÃO - Tá, eu faço mais uma sessão então. (*Para Guilherme*) Eu não sei se cabe, mas de qualquer forma, meus pêsames.

GUILHERME - Que coisa brutal, né? E o cara teve aqui na minha casa também. Parecia tão pacato.

JOÃO - Eu fiquei de queixo caído. Mas tu não sabe da maior, o cara foi na minha casa hoje de manhã pra se despedir de mim, e a polícia cercou o prédio e ele se entregou.

GUILHERME - Assim na maior?

JOÃO - Hu-hum.

DAVI - Mas qual a tua relação com esse assassino?

JOÃO - Fazia consertos como fez aqui.

GUILHERME - Pobre da Glória.

DAVI - Pobre nada. Tu só falava horrores dela.

GUILHERME - É, mas ninguém merece ser esfaqueado na própria cama (*para João*) e parece que foi bem na hora que eles tavam...

JOÃO - Bom, isso eu não sei. Disso ele me poupou. Já depôs?

GUILHERME - Não. Segunda.

JOÃO - Por sorte eu tava no aniversário do meu cunhado.

GUILHERME - O meu álibi é o Davi.

DAVI - Álibi, vou ter que depor?

GUILHERME - Se eu te citar, provavelmente.

DAVI (*levantando-se*) - Não, não faz isso comigo. Vão ficar sabendo que nós dois...

JOÃO - Que surpresa! O Davi tinha me dito que tinha encontrado um cara, e o Guilherme, que tava namorando um homem, e eu entro aqui e me deparo com os dois!

GUILHERME - Me fala do roteiro.

DAVI - Ai de ti se tu faltar na próxima sessão.

GUILHERME - E aí, desembucha.

DAVI (*para João*) - A gente tá querendo chamar uma pizza, topa?

JOÃO - Eu...hum...

DAVI - Afinal, tudo acaba em pizza, né?

Curta pausa.

DAVI - Tá, eu não falo mais nada. Quando eu tento ser um pouco engraçado, eu só me dou mal.

GUILHERME - Deixa ele, Davi, o que é que ele vai ficar fazendo num sábado à noite com duas bichas num apartamento? (*Para João*) Te amarrou na cabeleireira, não foi?

JOÃO - Que nada. Foi só faísca.

DAVI (*para João*) - Tu não tinha me contado que era uma cabeleireira.

GUILHERME - E faz alguma diferença?

DAVI (*um pouco ofendido*) - Não foi isso que eu quis dizer.

GUILHERME - Pronto, agora vai ficar emburrado.

Davi pega uma revista e folheia irritado. João faz uma careta de quem está a mais.

Guilherme franze o nariz para João, tranquilizando-o .

JOÃO - O furo é o casal.

DAVI (*atingido*) - Que casal?

GUILHERME - Tu não vai chamar a pizza? Tô com fome.

JOÃO - O casal do roteiro dele.

DAVI (*desconfiado*) - Ah, bom...

GUILHERME - Dadá, não precisa fazer esse beicinho.

DAVI - Não enche. E não me chama de Dadá, eu já disse!

GUILHERME - Se tu acha que a relação homossexual é mais fácil do que a hetero tu tá muito enganado.

JOÃO - A tua visão é muito romântica. O homem e a mulher não podem terminar juntos.

DAVI - Se tu cansou de mim, é só dizer.

Pausa tensa.

GUILHERME - Cadê o humor, foi embora? Tu não tinha dito que tinha abandonado o look freudiano sisudo?

Davi passa a mão pelo cabelo e olha para João.

DAVI - Tu não notou nada de diferente em mim?

JOÃO - Bah, eu só péssimo pra detalhes.

DAVI - Vocês homens são todos iguais.

GUILHERME - Eu não acho que a minha visão seja romântica. Quem garante que eles não vão ficar juntos por pouco tempo?

JOÃO - Mas tu precisa mostrar isso no próprio roteiro, porque senão é uma mera suposição de algo que não aparece.

GUILHERME - Tu acha que eles precisam terminar separados?

JOÃO - É.

Curta pausa.

DAVI - Margherita?

Guilherme e João olham para Davi.

DAVI - Tá, tá bom. Eu só queria dar uma sugestão. (*Levantando-se*) Como ninguém quis me dar esse tal roteiro pra ler, pra mim tudo isso é grego. (*Saindo*) Eu vou pra cozinha fazer o pedido e depois, talvez, quem sabe eu volto aqui.

Davi sai.

Curta pausa. Guilherme serve o chimarrão e alcança para João. João toma o chimarrão. João e Guilherme se olham por um tempo. Os dois riem juntos.

JOÃO - Eu nem tenho porque rir, mas é engraçado.

GUILHERME - O riso não precisa ter uma razão tão definida assim, ou pelo menos vamos deixar isso pros teóricos. Hoje, pizza em vez de teoria do riso.

JOÃO (*contando nos dedos*) - Tô quase sendo transferido...(*constrangido*) quer dizer, agora nem sei mais, mas o processo deve estar andando, perdi uma mulher muito interessante, pelo menos acho que perdi, tentei me matar e não consegui...

GUILHERME - Três boas razões para rir. Eu não tenho emprego fixo e sobrevivo mal e mal escrevendo, o meu parceiro eu não perdi (*sussurra*) mas às vezes eu preferia ficar sozinho (*volta ao tom normal de voz*) e nem coragem pra me matar eu tenho.

João sorve o chimarrão.

JOÃO - Estamos quites, então.

GUILHERME - Eu tenho um roteiro mal-escrito na mão, tu não.

JOÃO - Para com isso cara, os personagens são super interessantes, tem dinâmica, prende a atenção do cara. A única coisa é que tua visão é...mentirosa.

GUILHERME (*surpreso*) - Mentirosa?

JOÃO - Não retrata o que na verdade acontece.

Guilherme sorve o chimarrão pensativo.

JOÃO - Mas eu também não sou o dono da verdade, de repente uma outra pessoa que for ler não vai achar isso.

Guilherme olha para João.

GUILHERME - Eu preciso assistir mais filmes.

Guilherme serve o chimarrão e entrega para João.

GUILHERME - Eu preciso ler mais Tchekhov. E mais Ibsen, mais Pinter, mais Schnitzler e mais O'Neill.

JOÃO - Não é pra se desesperar, por favor.

João sorve o chimarrão até o fim.

GUILHERME - Fica frio, é dessa crítica que eu preciso. Alguém de confiança que fala com sinceridade sem querer apenas malhar e destruir a tua obra.

João alcança a cuia para Guilherme. Guilherme enche a cuia e toma.

JOÃO - E eu tenho um título.

Guilherme se anima e deixa de sorver o chimarrão.

JOÃO - Podia ser a última frase do roteiro. Seria uma exclamação, um grito de raiva contra tudo que não acontece da forma como a gente gostaria que acontecesse.

Guilherme fica olhando para João com expectativa.

JOÃO (*ri sem jeito*) - Merda.

Guilherme e João ficam se olhando. Guilherme esboça um leve sorriso de triunfo. Davi entra da cozinha.

DAVI - Vocês não vão acreditar. Liguei pra pizzaria que eu sempre ligo, a Lido di Guaíba, e me atende um imbecil dizendo que eles fecharam semana passada, e eu fiquei indignado, berrando que eles poderiam pelo menos ter avisado a clientela deles, e vocês sabem o que o pateta me responde? Me desculpa, senhor, mas na vida nada fica para sempre, tudo é provisório. E eu desliguei o telefone na cara dele na mesma hora.

Davi senta-se e dá um suspiro de indignação.

DAVI - Agora eu vou ficar sem a minha maravilhosa pizza Margherita. Merda!

FIM